



Universidade do Algarve
Faculdade de Ciências Humanas e Sociais

*Indução de Contaminação em Estudantes
Universitários Vítimas de Deslealdade*

Cláudia Filipa Martins Jacinto

Dissertação de Mestrado para obtenção do grau de Mestre em Psicologia Clínica e da Saúde

Trabalho efetuado sob a orientação da Professora Doutora Antónia Jimenez-Ros

2015

Declaração de autoria de trabalho

Indução de Contaminação em Estudantes Universitários vítimas de Deslealdade

“Declaro ser a autora deste trabalho, que é original e inédito. Autores e trabalhos consultados estão devidamente citados no texto e constam da listagem de referências incluída.”:

«Copyright» Cláudia Jacinto “A Universidade do Algarve tem o direito, perpétuo e sem limites geográficos, de arquivar e publicitar este trabalho através de exemplares impressos reproduzidos em papel ou de forma digital, ou por qualquer outro meio conhecido ou que venha a ser inventado, de o divulgar através de repositórios científicos e de admitir a sua cópia e distribuição com objetivos educacionais ou de investigação, não comerciais, desde que seja dado crédito ao autor e editor.”

Agradecimentos

Em primeiro lugar gostava de agradecer a todos os alunos da Universidade do Algarve, uma vez que sem eles seria impossível a realização desta investigação.

Queria agradecer à professora Antónia Ros pela sua orientação, apoio, disponibilidade, pelas opiniões e críticas, pela total colaboração em esclarecer dúvidas e solucionar os problemas que foram surgindo ao longo da realização deste trabalho e por todas as palavras de incentivo.

À minha colega e amiga Soraia Pires, que me acompanhou em todo o desenvolvimento desta dissertação, um grande agradecimento, pelo companheirismo, apoio e amizade e por todos os momentos passados ao longo deste último ano.

Agradeço às minhas amigas Susete Pereira e Linda Cunha pela amizade, força, apoio, paciência e preocupação em certos momentos difíceis, durante esta fase. A vossa amizade foi fundamental e agradeço muito por terem ouvido os meus desabafos nas alturas mais complicadas.

Um especial agradecimento ao meu namorado, Pedro Arez, pelo amor, amizade, apoio, preocupação e paciência que sempre foi revelando ao longo deste processo. Obrigada por me teres ouvido nas alturas que estava mais desanimada e mais frustrada. Sem o teu apoio, nada disto teria sido possível. Muito Obrigada.

Por último, mas não menos importantes, um grande agradecimento aos meus pais e ao meu irmão por todo o apoio, preocupação e paciência que foram demonstrando ao longo de todo este caminho. Sem vocês não teria chegado aqui. Obrigada por tudo.

A todos, os meus sinceros agradecimentos!

Resumo

A contaminação mental caracteriza-se pela experiência de sensações de sujidade interna que não podem ser diretamente observadas por outros e impulsos de lavagem que podem ser desencadeados sem o contacto físico com um contaminante (e.g., através de pensamentos, imagens ou memórias). Para além das sensações de sujidade, a contaminação mental também provoca outras emoções negativas tais como o nojo.

A presente investigação teve como objetivo induzir sentimentos de contaminação mental num grupo de estudantes universitários através da recordação de uma situação de traição (de tipo deslealdade) experienciada pelo próprio.

Participaram 90 estudantes, de ambos os sexos com idades compreendidas entre os 18 e os 57 anos. Os participantes foram aleatoriamente divididos em dois grupos: um grupo de controlo (GC) e um grupo experimental (GE). Os participantes preencheram um conjunto de questionários e de seguida foram instruídos para descrever uma situação neutra ou em que tivessem sido vítimas de deslealdade, respetivamente. Após uma pausa de cinco minutos, foi-lhes solicitado que respondessem a uma entrevista final.

Os resultados obtidos após a manipulação experimental revelaram que os participantes do GE apresentaram valores significativamente mais elevados de mal-estar do que o GC. Estes participantes mostraram, assim mesmo, sentimentos significativamente superiores de nojo, em relação aos perpetradores da traição, do que os do grupo de controlo. Contudo, a recordação de uma situação de deslealdade não parece provocar nos participantes a sensação de sujidade quer interna, quer externa.

A manipulação experimental não mostrou, no entanto, efeitos na capacidade dos participantes para localizar a sujidade em alguma parte do interior ou exterior do corpo.

Em suma, foi possível verificar que a recordação de uma situação de traição, nomeadamente de deslealdade origina o surgimento de mais emoções negativas e de sentimentos de nojo. Embora não tenha sido possível determinar a existência de uma relação entre o sofrer este tipo de traição e o desenvolvimento de contaminação mental, podemos afirmar que a deslealdade se trata de uma situação que origina várias alterações emocionais e psicológicas nos indivíduos.

Palavras-Chave: Perturbação Obsessivo-Compulsiva; Contaminação Mental; Traição; Deslealdade; Vítimas; População não-clínica.

Abstract

Mental contamination is characterized by feelings of internal dirtiness experiment that cannot be directly observed by others and washing urges that can be triggered without physical contact with a contaminant (e.g. through thoughts, images, or memories). In addition to the dirt sensations, mental contamination also causes other negative emotions such as disgust.

This research aimed to induce feelings of mental contamination in a group of university students through the memory of a betrayal situation (type of disloyalty) experienced by himself. Participated 90 students of both gender aged 18 to 57 years.

Participants were randomly assigned into two groups: a control group (CG) and an experimental group (EG). Participants completed a set of questionnaires and then were instructed to describe a neutral situation or a situation where they had been victims of disloyalty, respectively.

After a five-minute break, they were requested to respond to a final interview. The results obtained after experimental manipulation revealed that EG participants had significantly higher values of malaise than the CG. These participants showed, also, significantly higher feelings of disgust towards the perpetrators of betrayal, than the control group. However, the memory of a disloyalty situation does not seem to cause the participants the feeling of dirt both internally and external.

The experimental manipulation did not show, however, effects on the ability of participants to locate the dirt on some of the interior or exterior of the body.

In short, we found that the memory of a betrayal situation, namely disloyalty, leads to the emergence of more negative emotions and feelings of disgust. Although it was not possible to determine the existence of a relationship between the suffering this kind of betrayal and the development of mental contamination, we can confirm that disloyalty is a situation that causes various emotional and psychological changes in individuals.

Key-words: Obsessive Compulsive Disorder; Mental Contamination; Betrayal; Unfairness; Victims; Population nonclinical.

Índice

Capítulo 1- Enquadramento Teórico	1
Capítulo 2- Objetivos e hipóteses de investigação	14
Capítulo 3- Metodologia	15
3.1 Participantes	15
3.2 Instrumentos	16
3.3 Procedimento de recolha de dados	19
3.4 Procedimento de análise de dados	23
Capítulo 4- Descrição dos Resultados	23
4.1 Análise da comparação entre grupos nas variáveis psicológicas e psicopatológicas	24
4.2 Variáveis de controlo da manipulação experimental.....	24
4.3 Verificação da manipulação experimental	25
4.3.1 Análise das sensações de contaminação mental	25
4.3.1 Análise dos Afectos Positivos e Negativos	25
4.3.3 Análise dos sentimentos de nojo	29
4.3.4 Análise dos impulsos de lavagem e das estratégias de neutralização e evitamento	29
Capítulo 5- Discussão dos Resultados.....	30
Capítulo 6- Considerações Finais	36
Capítulo 7- Referências Bibliográficas	38

Índice de Tabelas

Tabela 1: Representação gráfica do procedimento de recolha de dados	19
Tabela 2: Comportamentos adoptados pelos participantes para evitarem o mal-estar sentido depois da recordação (N=48)	26
Tabela 3: Descrição do Mal-estar sentido pelos participantes de ambos os grupos (N=48)	29
Tabela 4: Comportamentos de neutralização e de evitamento do mal-estar (N=48).....	30

Índice de Figuras

Figura 1: Afectos positivos (Resultados da análise de variância) (N= 48).....	27
Figura 2: Afectos Negativos (Resultados da análise de variância) (N=48).....	28

Índice de Anexos

Anexo 1: Questionário de Dados Sociodemográficos

Anexo 2: Escala de Afectos Positivos e Negativos

Anexo 3: Inventário de Obsessões- Compulsões de Vancouver

Anexo 4: Escala de Desejabilidade Social de Marlowe-Crowne

Anexo 5: Escala de Sensibilidade de Contaminação

Anexo 6: Entrevista Final do Grupo Experimental

Anexo 7: Entrevista Final do Grupo de Controlo

Anexo 8: Consentimento informado do Grupo Experimental

Anexo 9: Consentimento informado do Grupo de Controlo

Anexo 10: Grelha de Classificação de Narrativas

Índice de Siglas

POC (Perturbação Obsessivo-Compulsiva)

SPSS (*Statistical Package for Social Sciences*)

VOCI (Inventário de Obsessões-Compulsões de Vancouver)

PANAS (Escala de Afectos Positivos e Negativos)

S-CTN (Escala de Sensibilidade à Contaminação)

MC-SDS (Escala de Desejabilidade Social de Marlowe-Crowne)

DSM-IV-TR (Manual de Diagnóstico e Estatística das Perturbações Mentais)

GE (Grupo Experimental)

GC (Grupo Controlo)

N (Número de sujeitos)

M (Média)

Dp (Desvio-padrão)

“Indução de contaminação mental em estudantes universitários vítimas de Deslealdade”

Capítulo 1- Enquadramento Teórico

A Perturbação Obsessivo-Compulsiva (POC) caracteriza-se pela presença de obsessões e/ou compulsões, sendo mais comum surgirem ambas as manifestações (Abramowitz, Taylor, & McKay, 2009). Este distúrbio apresenta um caráter heterogéneo uma vez que os indivíduos podem ter diferentes tipos de obsessões e de comportamentos compulsivos (Starcevic et al., 2011).

As obsessões definem-se como *“ideias, pensamentos, impulsos ou imagens persistentes que são experimentados como intrusivos e inapropriados e que causam forte ansiedade ou mal-estar. O sujeito reconhece facilmente que as obsessões são fruto da sua própria mente e não imposições do exterior e considera-os inaceitáveis e repugnantes”* (Rachman, 2003). Em resposta a estas obsessões os indivíduos tendem a desenvolver variadas compulsões ou comportamentos neutralizadores, como a lavagem, a verificação ou a ordem e simetria, assim como comportamentos de evitamento das situações que lhes possam provocar as obsessões (McKay et al., 2004).

Os temas das obsessões mais comuns são os pensamentos repetitivos acerca da contaminação (e.g.: ficar contaminado por cumprimentar alguém), dúvidas repetidas sobre vários assuntos, necessidade de fazer as coisas seguindo uma determinada ordem, impulsos horríveis ou agressivos (e.g.: ferir o próprio filho) e imagens sexuais (Rachman, 2003). Todos estes pensamentos, imagens ou impulsos são considerados mais do que simples preocupações com questões da vida real e levam os indivíduos a tentar ignorá-los, suprimi-los ou neutralizá-los através de outras ações ou pensamentos (compulsões) (Rachman, 2003).

As compulsões são comportamentos repetitivos (e.g.: lavagem das mãos, verificações) ou atos mentais (e.g.: rezar, contar, repetir palavras mentalmente) que têm como objetivo reduzir o mal-estar e a ansiedade gerados pelas obsessões. Na maioria dos casos os indivíduos sentem-se obrigados a efetuar as compulsões logo a seguir às obsessões, como forma de evitar que algo de mau possa acontecer e não porque sintam prazer com esses comportamentos (Rachman, 2003).

Uma das manifestações mais comuns em pacientes com POC são as obsessões de contaminação associadas a comportamentos de lavagem compulsiva (Elliott &

Radomsky, 2009). Estas compulsões de lavagem envolvem tentativas frustradas de limpeza dirigidas à própria pessoa ou a objetos que são percebidos como contaminados (Elliott & Radomsky, 2009). Rachman (1994) refere que a lavagem compulsiva é conduzida por uma sensação de sujidade, um medo de contrair uma doença e/ou uma sensação de poluição mental (sensação de sujidade interna em termos emocionais que surge independentemente de existir contacto físico) (cit in Herba & Rachman, 2007).

Os comportamentos de lavagem são tentativas de limpar os vestígios de um contaminante que é percebido como ameaçador para a saúde física, mental e também social (Rachman, 2004). Neste sentido, as obsessões de sujidade e a lavagem compulsiva são desencadeadas por um extremado medo de contaminação que assola muitos dos pacientes com POC (Herba & Rachman, 2007).

Segundo Rachman (2004), o medo da contaminação é complexo, poderoso, persistente, intenso e difícil de controlar. Propaga-se rapidamente e é geralmente originado pelo contacto físico com um contaminante, embora possa também ser gerado sem que haja contacto físico (Rachman, 2004).

A sensação de contaminação surge na maioria das vezes acompanhada de algumas emoções negativas tais como o medo, o nojo, a vergonha ou sujidade moral (Rachman, 2004). Este medo da contaminação pode acabar por provocar sérios danos ao nível da saúde física, mental e social do sujeito, uma vez que os indivíduos afetados acreditam que a contaminação persistirá se a lavagem não for adequada (Rachman, 2004) Deste modo, os indivíduos receiam que a sua sensação de contaminação seja transmitida para outros objetos ou pessoas pelo que, a lavagem é um comportamento que está fora do seu controlo (Rachman, 2004).

Rachman (2004; 2006) propôs dois tipos de contaminação subjacentes ao medo da contaminação: a contaminação física e a contaminação mental. A contaminação física refere-se ao contacto com contaminantes claros e objetivos (e.g., substâncias, pessoas ou objetos visivelmente sujos) o qual origina sensações de sujidade externa que, por sua vez, podem conduzir ao desenvolvimento de comportamentos de lavagem compulsiva (Radomsky & Elliott, 2009). Neste caso, os indivíduos conseguem localizar o sítio do corpo em que se sentem sujos e a lavagem tem efeitos imediatos na remoção da sensação de sujidade (Herba & Rachman, 2007).

Contrariamente à anterior, a contaminação mental caracteriza-se por sensações de sujidade interna que não podem ser diretamente observadas por outros e impulsos de

lavagem que podem surgir independentemente do contacto físico com um contaminante (e.g., através de pensamentos, imagens ou memórias) (Rachman, 2004).

Para além das sensações de sujidade, a contaminação mental também provoca emoções negativas como o nojo, a vergonha, a humilhação ou o desprezo (Rachman, 2004). O contaminante pode estar relacionado com outras pessoas ou inclusive a própria pessoa e, por isso, a fonte de contaminação é considerada uma fonte humana imoral (Elliott & Radomsky, 2012). Neste tipo de contaminação, os indivíduos têm dificuldades em localizar a sujidade no interior, pelo que os comportamentos de lavagem tendem a ser em vão já que a sujidade não tem uma natureza física (Herba & Rachman, 2007).

O nojo e a moralidade são dois conceitos que surgem muito associados a casos de contaminação mental, assim como à Perturbação Obsessivo-Compulsiva. (Fairbrother & Rachman, 2004). Segundo Lee, Shafran, Burgess, Carpenter, Millard & Thorpe (2013) o nojo tem um papel fundamental no desenvolvimento de compulsões, em especial nas compulsões de lavagem.

Sendo considerado uma emoção básica, o nojo é reconhecido em todas as culturas e faz parte do dia-a-dia de todos os indivíduos (Olatunji & Sawchuk, 2005). No que diz respeito à sua função, esta emoção tem como objetivo proteger os indivíduos de estímulos não desejados, de forma a ativar um estado de alerta que os faz passar a evitar os estímulos quando estes surgem novamente devido a desenvolverem preocupações de contaminação relativamente a eles (Olatunji & Sawchuk, 2005).

Em situações onde exista contaminação física, por exemplo, em casos de violação, o nojo é uma emoção que é despoletada durante o evento devido ao contacto físico forçado. Quando existe contaminação mental, a sensação de nojo também se verifica sempre que a vítima recorda ou descreve o acontecimento desagradável (Olatunji & Sawchuk, 2005).

Para além dos sentimentos de nojo, a contaminação mental também apresenta uma qualidade moral que não é geralmente associada à contaminação física. Esta qualidade faz com que determinadas situações que são encaradas pelos indivíduos como erradas, inapropriadas ou imorais evoquem sintomas de contaminação mental. As sensações de sujidade podem então surgir, por exemplo quando um indivíduo tem um sentimento de responsabilidade ou vergonha por estar envolvido numa situação considerada imoral ou perante imagens ou pensamentos intrusivos que o indivíduo

possa ter, que não sejam compatíveis com o seu sistema moral de crenças (Rachman, 2006 cit in Elliot & Radomsky, 2009).

Apesar de o medo da contaminação estar em muitos casos associado à POC, este não surge exclusivamente nesta perturbação, uma vez que tem sido verificado também em outras perturbações como hipocondria, algumas fobias e Perturbação de pós-stress traumático (de Silva & Marks, 1999).

Foi também verificada a existência deste medo de contaminação em vítimas de abuso sexual. Fairbrother & Rachman (2004) avaliaram os sentimentos de contaminação mental pós-abuso em vítimas de abuso sexual através de questionários e de uma entrevista. Nesta investigação participaram 50 mulheres, com idades compreendidas entre os 16 e os 49 anos.

Os resultados indicaram que 70% das participantes relatou a existência de impulsos de lavagem ou limpeza após terem sido vítimas de abuso, sendo que em mais de 95% dos casos o impulso surgiu nas 24h a seguir ao abuso e em menos de 5% ocorreu após 1 dia. Cerca de 25% das mulheres confirmou ter desenvolvido persistentes comportamentos de lavagem durante 1-3 meses após a violação (Fairbrother & Rachman, 2004).

Posteriormente, estes autores quiseram verificar se os sentimentos de contaminação podiam ser evocados através da recordação deliberada da violação, em contraste com a recordação de um evento agradável. Foi pedido a cada participante que se recordasse de um momento feliz da sua vida e que o mantivessem na memória durante vinte segundos (tempo cronometrado pelo investigador). Após a recordação tinham que referir em que medida se sentiram ansiosas, sujas internamente e com impulsos de lavagem, numa escala de 0 a 100. De seguida foi pedido que recordassem o episódio de violação. Foram novamente questionadas sobre o grau de ansiedade, sujidade e impulsos de lavagem que sentiram, numa escala de 0 a 100 (Fairbrother & Rachman, 2004).

Decorreu uma pausa de 5 minutos e foi informado a cada participante onde era a casa de banho, para o caso de necessitarem de lá ir durante o intervalo. Após o intervalo, foi avaliada a ocorrência de comportamentos de lavagem durante a pausa (Fairbrother & Rachman, 2004).

Verificou-se que nove mulheres desenvolveram comportamentos de lavagem após a recordação da situação stressante. Uma das mulheres referiu ter lavado a face, enquanto as outras lavaram as mãos, sendo que o motivo apresentado foi para tentar

aliviar as sensações que a recordação lhes provocou e não pelo contacto com um contaminante (Fairbrother & Rachman, 2004).

Os resultados de ambos os estudos suportaram a hipótese de que as vítimas de abuso sexual experienciam sensações de contaminação mental, assim como impulsos de lavagem após o abuso e que essas sensações e impulsos de lavagem podem ser desencadeados apenas através de imagens, pensamentos ou memórias que, em alguns casos, podiam ser suficientemente fortes para originar reais comportamentos de lavagem (Fairbrother & Rachman, 2004).

Fairbrother, Newth e Rachman (2005) quiseram verificar se estes resultados também eram conseguidos em contexto laboratorial numa população não-clínica de estudantes universitários. Para o efeito foi concebido um paradigma que envolvia a imaginação de uma experiência sexual não-consensual, designado por Paradigma do “Beijo-Sujo”. Neste estudo participaram 121 estudantes do sexo feminino, com idades compreendidas entre os 15 e os 38 anos (Fairbrother, Newth, & Rachman, 2005).

A cada participante era pedido que imaginasse uma cena que era descrita em duas gravações de áudio. Cada participante teve que ouvir uma gravação de áudio, na qual era pedido que imaginassem um beijo consentido e desejado com um homem durante uma festa. Posteriormente foram aleatoriamente selecionadas para ouvir novamente a versão do beijo consensual ou uma das três versões do beijo não-consensual. As três versões incluíam a imaginação de um beijo forçado com um homem descrito como normal, de um beijo forçado com um homem descrito como sujo e fétido (condição de contaminação) e de um beijo forçado com um homem que imobiliza a participante e esta sente-se derrotada (condição de derrota) (Fairbrother et al., 2005).

A seguir decorreu uma pausa de 3-4 minutos na experiência, durante a qual as participantes podiam beber água ou ir à casa de banho, se assim necessitassem. Após a pausa foram recolhidas informações relativamente ao comportamento de cada participante durante o tempo de pausa (e.g.: impulsos de lavagem, comportamentos neutralizadores, lavagem de partes do corpo) (Fairbrother et al., 2005).

Os resultados revelaram que as participantes na condição não-consensual relataram maiores sensações de contaminação mental, assim como impulsos de lavagem comparativamente com as participantes na condição consensual, o que indica que as sensações podem também surgir em amostras não-clínicas, através de uma situação imaginada. Tal como na investigação anterior de Fairbrother e Rachman (2004), nesta experiência nove das participantes da condição não-consensual revelaram ter recorrido a

comportamentos de lavagem para eliminar as sensações de poluição mental após imaginarem o episódio, sendo que apenas uma pertencia à condição consensual (Fairbrother et al., 2005).

Estes resultados foram replicados por Herba e Rachman (2007) que utilizaram uma variação do paradigma do “Beijo Sujo”. As participantes tinham, neste caso, de imaginar apenas um beijo consensual e desejado com um homem atraente durante uma festa ou um beijo não consensual com um homem atraente mas fisicamente sujo e fétido. Neste estudo participaram 120 estudantes universitárias, com uma média de idades de 20.73 (Herba & Rachman, 2007).

Os resultados desta investigação revelaram que as mulheres que constituíram a condição não-consensual relataram significativamente mais sensações de contaminação mental, impulsos de lavagem e emoções negativas do que as que constituíram a condição consensual. Cerca de vinte e sete participantes na condição não-consensual desenvolveram comportamentos de neutralização para reduzir as sensações induzidas pela imaginação da situação. Mais especificamente, vinte e quatro participantes lavaram a boca, duas lavaram as mãos e uma lavou ambas. Nenhuma das mulheres na condição consensual recorreu a comportamentos de lavagem (Herba & Rachman, 2007).

Quer aos estudos de Fairbrother, Newth e Rachman (2005), quer ao de Herba e Rachman (2006) pode ser apontada como limitação o facto de terem sido manipuladas mais do que uma variável em simultâneo, nomeadamente o nojo e a moralidade (e.g., A combinação de um homem fisicamente repugnante com um ato moralmente repugnante ou a combinação de um homem e um ato moralmente repugnantes).

Elliot e Radomsky (2009) propuseram um novo estudo para colmatar esta limitação com o objetivo de verificar se a imoralidade do homem ou do ato seria suficiente para provocar sensações de contaminação mental através de um episódio imaginado, mas sem que existisse qualquer descrição negativa do aspeto físico do sujeito. Nesta experiência participaram 148 estudantes universitárias, com idades compreendidas entre os 17 e os 48 anos (Elliott & Radomsky, 2009).

Todas as participantes foram aleatoriamente distribuídas para constituir uma das quatro condições: Condição consensual moral (CM), condição consensual imoral (CI), condição não-consensual moral (NCM) e condição não-consensual imoral (NCI). As gravações de áudio utilizadas foram adaptadas a partir das gravações originais de Fairbrother, Newth e Rachman (2005).

Nas condições consensuais, as participantes ouviram a descrição de um homem fisicamente atraente e um beijo consentido e desejado, enquanto que nas condições não-consensuais era descrito um homem também fisicamente atraente, mas o beijo não era desejado pela mulher. Para além disso em ambas as condições foi disponibilizada informação acerca do carácter moral do sujeito ou seja, às participantes da condição moral foi-lhes dito que o homem era bom e prestável e às participantes da condição imoral que este era um homem mentiroso, que engana as pessoas e que roubava. Após a experiência foi feita uma pausa de 5 minutos para que cada participante pudesse beber água ou ir à casa de banho, caso necessitasse (Elliott & Radomsky, 2009).

De forma geral, os resultados obtidos por este estudo são consistentes com os anteriores. Verificou-se que a simples imaginação de um beijo não-consensual foi suficiente para provocar sensações significativas de contaminação mental, independentemente das informações que eram dadas acerca do carácter do homem (moral ou imoral) (Elliott & Radomsky, 2009). No entanto, a imaginação de um beijo consensual pode ser suficiente para gerar as mesmas sensações se o homem for descrito como imoral (Elliott & Radomsky, 2009).

Relativamente à lavagem, as participantes nas condições não-consensuais sentiram-se mais sujas internamente e relataram mais impulsos de lavagem, relativamente às participantes nas condições consensuais. Apenas três mulheres (em 70) das condições consensuais e oito mulheres das condições não-consensuais desenvolveram comportamentos de lavagem (Elliott & Radomsky, 2009).

Estes resultados sugerem que eventos agradáveis ou neutros (e.g., beijo consensual) associados a fontes humanas imorais e na ausência de descrições acerca da sujidade física são suficientes para originar sensações de contaminação mental (Elliott & Radomsky, 2009).

Os resultados reforçam a ideia da existência de uma qualidade moral associada à contaminação mental, que faz com que os indivíduos repudiem determinadas acções ou pensamentos que lhe parecem desadequados em termos morais. Ou seja, na experiência de Elliot & Radomsky (2009) verificou-se que a simples imaginação de um evento considerado imoral (Um beijo forçado) desencadeou contaminação mental.

Mais tarde, Elliot e Radomsky (2012) replicaram este mesmo estudo por considerarem que existia pouca investigação que incluísse em simultâneo a presença de um homem fisicamente sujo e um ato moralmente irrepreensível. Estes autores quiseram portanto compreender que tipo de variáveis situacionais poderiam ser

necessárias ou suficientes para evocar contaminação mental, ou seja, verificar a influência da descrição física do homem e do ato repudiante no desenvolvimento de contaminação mental.

Deste modo, o objetivo foi verificar se a contaminação mental era evocada com mais intensidade através de uma situação imaginada que envolvesse tanto a sujidade física, como o contacto não desejado e se a contaminação mental poderia surgir unicamente através da sujidade física imaginada (e.g., beijo consensual com um homem sujo). Nesta investigação participaram 140 estudantes universitárias de idades compreendidas entre os 18 e os 55 anos (Elliott & Radomsky, 2012).

O procedimento para este estudo foi exatamente o mesmo de Elliott & Radomsky (2009). As participantes foram aleatoriamente distribuídas para uma das quatro condições: Consensual fisicamente limpo (CFL), consensual fisicamente sujo (CFS), não-consensual fisicamente limpo (NCFL) ou não-consensual fisicamente sujo (NCFS). Todas ouviram uma gravação de áudio, na qual era descrita uma situação em que um homem atraente dá um beijo consensual ou não-consensual e que é descrito como fisicamente limpo ou sujo. Após o evento imaginado, decorreu um intervalo, para que tivessem oportunidade de se lavarem se pretendessem (Elliott & Radomsky, 2012).

Os resultados demonstraram que as sensações de contaminação mental podem surgir não só a partir de uma fonte humana imoral, como também através de estímulos imaginados fisicamente sujos mesmo quando a pessoa envolvida não é considerada imoral. Estes resultados são amplamente consistentes com os outros estudos onde também foi utilizado o paradigma do “Beijo Sujo”, como Fairbrother et al. (2005) e Herba & Rachman (2007), uma vez que se pôde concluir que as situações não-consensuais imaginadas evocam maiores sensações de contaminação mental, comparativamente às situações consensuais (Elliott & Radomsky, 2012).

De acordo com os estudos apresentados até ao momento podemos verificar que a contaminação mental pode ser desencadeada a partir de várias situações. Segundo Fairbrother & Rachman (2004) e Fairbrother, Newth & Rachman (2005), a contaminação pode ser despoletada através da simples imaginação ou recordação de uma situação de violação, respectivamente. Da mesma forma, a imaginação de uma situação não-consensual associada a descrições da sujidade física dos envolvidos ou mesmo na ausência das mesmas também representa um risco para o desenvolvimento de contaminação mental (Herba & Rachman, 2007).

Também é possível desenvolver as sensações de contaminação só a partir de situações imaginadas que envolvam uma fonte humana imoral, ainda que a situação seja consensual (Elliot & Radmosky, 2009). Pelo contrário, mais tarde os mesmos autores Elliot & Radmosky (2012) verificaram que a contaminação mental também pode surgir através da imaginação de estímulos fisicamente sujos, mesmo que a pessoa envolvida não seja considerada imoral.

Os resultados dos estudos anteriores proporcionam por isso evidências empíricas a favor da proposta de Rachman (1994;2004;2006). Segundo este autor, a maioria dos casos de contaminação mental pode surgir a partir de eventos stressantes, humilhações, memórias ou pensamentos, ainda que não haja qualquer contacto físico directo com um contaminante. Na ausência de contacto físico, a contaminação passa a ser provocada e mantida devido a um contaminante de natureza humana (Rachman,2010). Curiosamente, Rachman (2010) refere que muitas das vítimas de atos imorais, como por exemplo as traições, desenvolvem fortes sensações de contaminação e consequentemente compulsões de lavagem (Rachman, 2010).

Em todas as pesquisas anteriores (Fairbrother & Rachman, 2004; Fairbrother, Newth & Rachman, 2005; Herba e Rachman, 2007; Elliot & Radmosky, 2009; Elliot & Radmosky, 2012), a ênfase foi colocada na vítima, contudo, Rachman, Radmosky, Elliot & Zysk (2012) desenvolveram uma investigação que se dirigiu especialmente aos perpetradores. A investigação tinha como objetivo verificar se as sensações de contaminação mental podem ou não ser evocadas a partir de comportamentos ou pensamentos inaceitáveis da própria pessoa que comete o ato imoral (perpetrador).

Nesta investigação foi utilizada uma versão modificada do paradigma do “Beijo-Sujo” e foi introduzida a variável “Traição” para que fosse possível determinar se esta poderia exacerbar as sensações de contaminação mental e os impulsos de lavagem (Rachman et al., 2012).

Todos os participantes foram aleatoriamente atribuídos a duas condições experimentais, para ouvir uma gravação de áudio, na qual tinham de imaginar-se a dar um beijo consentido (condição normal) ou não consentido (condição experimental) a uma mulher durante uma festa. A experiência foi dividida em quatro momentos. Nos momentos 1 e 2 os impulsos de lavagem foram avaliados após uma pausa de cinco minutos e os momentos 3 e 4 foram logo a seguir à manipulação (Rachman et al., 2012).

No primeiro momento, o narrador da gravação de áudio era uma mulher e os participantes (homens) tiveram de imaginar um beijo consensual ou não-consensual,

dependendo da condição a que pertenciam. No segundo momento, a voz da gravação era um homem que criticava o participante pelo seu comportamento (beijo não-consensual), mostrando as consequências sociais do seu ato (e.g., as pessoas olhavam para o participante com nojo). No terceiro momento, a voz continuou a ser masculina, mas a mulher era descrita como a irmã do melhor amigo do participante (em ambas as condições) de quem era muito protetor (condição experimental). O quarto momento é uma réplica do terceiro, apenas para verificar se os efeitos no perpetrador seriam os mesmos que nos outros momentos, se a experiência fosse feita noutro laboratório (Rachman et al., 2012).

Os resultados dos quatro momentos indicaram que imagens ou pensamentos inaceitáveis ou repudiáveis da própria pessoa podem gerar sensações de sujidade e impulsos de lavagem. Também foi verificado que a introdução da variável “Traição” no cenário imaginado impulsionou essas mesmas sensações e impulsos. Além disso, na condição não-consensual a situação evocou um maior número de emoções negativas, tais como ansiedade, nojo, vergonha, raiva, culpa e tristeza. Os efeitos da experiência foram aumentando ao longo dos quatro momentos e foi no terceiro que foram verificados os maiores efeitos, devido à inclusão da situação de traição (Rachman et al., 2012).

Estes resultados vão ao encontro da análise de Rachman (2010) relativamente aos efeitos que a traição pode desempenhar no desenvolvimento de determinadas psicopatologias (Rachman, 2010). Este autor define a traição como a sensação de ser prejudicado através de ações intencionais por uma pessoa ou instituição na qual se confiava (e.g., amigos, companheiros, colegas). Os efeitos da traição são referidos como duradouros, permanentes e difíceis de esquecer, uma vez que violam a confiança entre as pessoas envolvidas e acabam por criar uma barreira constante entre as mesmas (Rachman, 2010).

Rachman (2010) defende a existência de vários tipos de traição e propõe, embora não os defina, como os cinco mais comuns os seguintes: divulgação de informações confidenciais, deslealdade, infidelidade, desonestidade e falha na assistência. Segundo este autor, a gravidade da traição parece ser determinada pela interacção entre o significado que cada indivíduo atribui ao ato de trair, a profundidade do vínculo com o “traidor” e os efeitos que a traição produz na “vítima” (Rachman, 2010).

Embora os efeitos da traição tendam a ser generalizados e persistentes, estes dependem do tipo de traição de que o indivíduo foi vítima (e.g., A divulgação de informações confidenciais causa distress, raiva e pensamentos punitivos; A infidelidade provoca choque, sentimentos de perda, ruminções, baixa auto-estima e raiva; A falha na assistência gera raiva, distress, ruminções e descrença nas pessoas; A desonestidade causa raiva, distress e pensamentos punitivos) (Rachman, 2010).

Para além de Rachman, também Freyd (1996) estudou o papel da traição e refere que o vínculo existente entre a vítima e o perpetrador pode ter muita relevância na intensidade das reacções ao trauma proveniente de uma traição. Segundo este autor, as traições proferidas por indivíduos próximos da vítima têm consequências mais acentuadas do que as traições em que não haja muita proximidade afectiva entre ambos os envolvidos (cit in Goldsmith, Chesney, Heath, & Barlow, 2013).

Da mesma forma, segundo Briere (1992) e Sachs-Ericsson, Verona, Joiner, & Preacher (2006), os efeitos da traição de alguém próximo da vítima originam a internalização de padrões cognitivos e emocionais que contribuem para a ansiedade e para a depressão, causando dificuldades de regulação emocional. Para estes autores, as dificuldades ao nível emocional são um dos piores efeitos provenientes das situações de traição, uma vez que a regulação emocional permite a consciencialização das próprias emoções, o controlo de comportamentos compulsivos e a adequação de respostas afectivas. Devido a estes efeitos, em muitos casos, as vítimas deixam de ter o controlo total das suas vidas, podendo a desenvolver outros tipos de patologia (cit in Goldsmith et al., 2013).

A partir das suas observações clínicas, Rachman verificou que poderia existir uma relação entre o surgimento da Perturbação Obsessivo-Compulsiva e situações que envolviam episódios de traição. Observou que muitos dos pacientes que eram diagnosticados com POC, haviam desenvolvido as suas obsessões e compulsões após terem sido traídas (Rachman, 2010).

Para ilustrar estas situações, o autor apresentou alguns casos como por exemplo: um paciente que desenvolveu sentimentos de sujidade interna, poluição mental e comportamentos de lavagem compulsiva após uma separação matrimonial; um paciente que se sentiu traído por um colega que se recusou a testemunhar a favor dele em tribunal e a partir daí começou a ter preocupações mórbidas e pensamentos ruminativos em relação ao assunto; uma paciente que se lavava durante horas utilizando produtos nocivos, sempre que tinha pensamentos ou imagens relacionados com a sua família ou

quando recebia telefonemas da mãe, uma vez que devido à situação financeira da família tinha sido obrigada a casar com um homem com idade muito superior à sua e por quem tinha alguma repugnância (Rachman, 2010).

Na sua análise, Rachman (2010) refere a existência de uma relação da POC não só com a traição, como também com as sensações de contaminação. Para este autor, embora uma grande parte da investigação se foque mais nos tipos de trauma que envolvem danos físicos ou ameaças à integridade física, tais como acidentes de viação, atos de violência, violações, entre outros, considera que as situações de traição podem ser desencadeadoras de um grande trauma psicológico, principalmente se o acontecimento for considerado pela vítima como catastrófico (Rachman, 2010).

Segundo Rachman, os efeitos provocados por uma situação de traição catastrófica são semelhantes aos provocados pelos tipos de trauma mais comuns, sendo igualmente prejudiciais para o indivíduo. Quer isto dizer que a traição é considerada um trauma “não físico” porque não envolve danos visíveis, porém provoca inúmeros danos emocionais e psicológicos nas vítimas (Rachman, 2010).

Para além das reações que são semelhantes aos outros tipos de trauma, como o entorpecimento emocional, o distress, o evitamento de recordações, as imagens intrusivas e as ruminações, Rachman também refere que após uma situação de traição podem surgir as chamadas “preocupações mórbidas”, a quebra de confiança em si próprio e nos outros, a raiva e as poucas expectativas de futuro (Rachman, 2010).

As preocupações mórbidas são um dos sintomas mais experienciados por pacientes com histórias de traição. Esta manifestação provoca uma tendência excessiva para a ruminação de ideias e, por isso, inúmeras dificuldades em mudar de assunto, o que pode constituir um entrave para o tratamento. No entanto, todos os pacientes reconhecem que têm este comportamento, mas que não o conseguem controlar (Rachman, 2010).

Em suma, segundo Rachman (2010) as traições despoletam na vítima um estado difuso de sensações de sujidade interna que são inacessíveis e incontroláveis e que vão surgindo nas suas mentes de forma recorrente e inesperada, através de imagens, memórias ou pensamentos.

Segundo Rachman (2006), o medo de contaminação tem demonstrado que as traições têm um lugar de destaque na vida de inúmeros pacientes que sofrem de contaminação mental (cit in Rachman, 2010).

Como já foi referido anteriormente, o tipo mais comum de contaminação é aquela que surge a partir do contacto físico com um contaminante. De facto, ao longo deste enquadramento foi possível verificar que todos os estudos apresentados se referiam a experiências que envolviam contacto físico, ainda que este fosse imaginado. No entanto, em casos de contaminação mental a fonte de contaminação é humana, daí que em casos de traição o perpetrador se torne um contaminante, despoletando nos pacientes uma atitude aversiva em relação a outros humanos, assim como sentimentos de degradação, humilhação e de inutilidade (Rachman, 2010).

Embora não se conheça nenhuma conexão óbvia entre o “ser traído” e o desenvolvimento de comportamentos compulsivos de lavagem existe alguma evidência que comprova a existência de sentimentos de contaminação mental em indivíduos que sofreram situações de traição. No entanto, a maior parte dos estudos ocorreu em contexto de laboratório e as situações de traição não foram idiossincráticas, mas sim imaginadas (Rachman, 2010).

Deste modo, para além da importância de estudar o fenómeno da contaminação mental também parece relevante o estudo da influência de situações de traição idiossincráticas no desenvolvimento da contaminação mental e de possíveis compulsões de lavagem (Rachman, 2010).

Neste sentido, na presente investigação propomo-nos a verificar se é possível induzir sensações de contaminação mental e consequentemente originar impulsos de lavagem, simplesmente através da recordação de episódios de traição, nomeadamente de deslealdade experienciados pelos próprios participantes.

Capítulo 2- Objetivos e hipóteses de investigação

A presente investigação teve como objetivo principal a indução de sensações e comportamentos de contaminação mental num grupo de estudantes universitários através da recordação de uma situação de deslealdade experienciada pelo próprio.

Deste modo, o presente estudo propôs-se ao cumprimento de quatro objectivos específicos. Em primeiro lugar, verificar a presença de sensações de contaminação mental e/ou física após a recordação da traição. Em segundo lugar, verificar a presença de comportamentos associados à contaminação mental, como a localização da sensação de sujidade, os impulsos de lavagem ou o desenvolvimento de estratégias de lavagem e evitamento. Em terceiro lugar verificar a existência de alterações emocionais e afectivas antes e depois da tarefa experimental. Por último, averiguar a presença de elevados níveis de após a recordação da situação de traição.

Tendo em conta os objetivos propostos foram formuladas nojo as seguintes hipóteses:

Hipótese 1 - A recordação de uma situação de deslealdade produzirá maiores níveis contaminação no grupo experimental do que no grupo de controlo;

Hipótese 2- A indução experimental levará ao aparecimento de mais emoções/sentimentos negativos no grupo experimental, do que no grupo de controlo;

Hipótese 3- A indução experimental originará elevados sentimentos de nojo no grupo experimental;

Hipótese 4 - A indução experimental originará mais impulsos de lavagem e estratégias de neutralização e evitamento no grupo experimental, do que no grupo de controlo;

Capítulo 3- Metodologia

3.1 Participantes

Para o presente estudo foi utilizada uma amostra de estudantes do ensino superior da Universidade do Algarve. A amostra, por conveniência, foi composta por 90 indivíduos, de ambos os sexos, de nacionalidade Portuguesa e com idades compreendidas entre os 18 e os 57 anos ($M = 23.01$; $DP = 5.70$; Mínimo = 18; Máximo= 57).

A maioria dos participantes era do sexo feminino (77.8%) e os restantes do sexo masculino (22.2%). O nível socioeconómico predominante foi o nível médio (86.7%), seguido do nível baixo (12.2%) e do nível alto (1.1%). Quanto à área de estudos, predominam os estudantes da área de Psicologia (68.9%), seguida de Ciências da Comunicação e Engenharia Alimentar (4.4%).

A maioria dos participantes eram solteiros (84.4%), 3.3% casados e 2.2% divorciados. Relativamente às habilitações literárias, 51.1% dos participantes tinham completado o ensino secundário, 46.7% eram licenciados e os restantes 2.2% correspondiam a um participante com um curso tecnológico/profissional e um com um mestrado, respectivamente. Os participantes se definiram como católicos (51.1%) e ateus (28.9%).

Os 90 participantes da amostra foram divididos aleatoriamente em dois grupos (Grupo Experimental e Grupo de Controlo). No grupo experimental participaram 60 indivíduos e no grupo de controlo participaram 30.

Foram selecionados dentre os participantes do GE, um total de 24 que relataram uma situação de traição de tipo deslealdade¹. Do grupo de controlo inicial, foram selecionados 24 participantes emparelhados com o GE.

A amostra final para este estudo foi composta por 48 indivíduos, com idades compreendidas entre os 18 e os 38 anos ($M = 22.92$; $DP = 3.91$; Mínimo = 18; Máximo = 38), sendo a maioria do sexo feminino (75%). O nível socioeconómico foi médio (85.4%), baixo (12.5%) e alto (2.1%). Quanto à área de estudo predominaram os estudantes da área de Psicologia (62.5%), seguidos dos de Ciências da Comunicação e Línguas e Comunicação (6.3%).

¹ O procedimento seguido para classificação das narrativas de traição será exposto no apartado de procedimento de recolha de dados

No que diz respeito ao estado civil, a maioria era solteiro (93.2%), sendo que 4.2% dos participantes eram casados e 2.1% divorciados. Em relação às habilitações literárias, 52.1% tinha licenciatura, 45.8% tinha o ensino secundário e 2.1% um curso tecnológico/profissional. Relativamente à ideologia religiosa, os participantes eram católicos (52.1%) e ateus (27.1%).

O grupo experimental foi composto por 24 indivíduos, com idades compreendidas entre os 18 e os 38 anos ($M = 22.96$; $DP = 4.92$; Mínimo = 18; Máximo = 38), sendo a maioria do sexo feminino (66.7%). O nível socioeconómico era médio (79.2%), baixo (16.7%) e alto (4.2%). No que diz respeito à área de estudos predominam os estudantes da área de Psicologia (75%), de seguida Gestão de Empresas com 8.3%) e os restantes (4.2%).

O grupo de controlo foi composto por 24 indivíduos, com idades compreendidas entre os 18 e os 28 anos ($M = 22.88$; $DP = 2.66$; Mínimo = 18; Máximo = 28), sendo a maioria do sexo feminino (83.3%). O nível socioeconómico foi médio (91.7%) e baixo (8.3%). Relativamente à área de estudos predominam os estudantes da área de Psicologia (50%), seguida de Línguas e Comunicação (12.5%), Ciências da Educação e Formação, Ciências da Comunicação e Engenharia Alimentar (8.3%) e os restantes (4.2%).

Os participantes de ambos os grupos foram equivalentes na idade ($t(46) = .073$; $p = .942$; $d = .020$), no sexo ($X^2_{(1)} = 1.778$; $p = .182$), no estado civil ($Fisher = 2.585$; $p = .489$), nas habilitações literárias ($Fisher = 1.488$; $p = .564$), na área de estudos ($X^2_{(11)} = 16.533$; $p = .122$), no estatuto socioeconómico ($X^2_{(2)} = 1.886$; $p = .389$), e na ideologia religiosa ($X^2_{(5)} = 3.450$; $p = .631$).

3.2 Instrumentos

Foram aplicados no presente estudo, um questionário de dados socio-demográficos, uma escala para avaliação dos afetos positivos e negativos (PANAS-X; Watson & Clark, 1994; versão portuguesa por Galinha & Pais-Ribeiro, 2005), um inventário de obsessões e compulsões (VOCI; Thordarson, Radomsky, Rachman, Shafran, Sawchuk, e Hakstian, 2004; Adaptação Calisto, 2013), uma escala de sensibilidade à contaminação (S-CTN; Rachman, 2006 *cit in* Coughtrey, Shafran, Knibbs & Rachman, 2012), uma escala de desejabilidade social (Crowne & Marlowe, 1960) e uma entrevista estruturada.

Questionário de Dados Sociodemográficos

Foi utilizado um questionário de dados sociodemográficos construído para o efeito que permitiu recolher os dados necessários para a caracterização da amostra, nomeadamente idade, sexo, estado civil, habilitações literárias, entre outras características (Anexo 1).

PANAS- Escala de afectos positivos e afectos negativos

A PANAS avalia os afectos positivos e negativos (PANAS-X; Watson & Clark, 1994; versão portuguesa por Galinha & Pais-Ribeiro, 2005). A versão portuguesa é constituída por duas sub-escalas que contêm 10 itens de afeto positivo e 10 itens de afeto negativo. Os itens da escala correspondentes às 20 emoções são classificados de acordo com uma escala de 1 a 5, em que 1 corresponde a “nada ou muito ligeiramente” e o 5 “extremamente”.

Esta escala foi aplicada aos participantes em dois momentos, no início da experiência e no final da experiência. A utilização desta escala em dois momentos justifica-se pela importância de verificar se houve diferenças significativas ao nível das emoções no pré-teste e no pós-teste. O valor de Alpha de Cronbach para a escala de afeto positivo da escala original $\alpha = .88$, na versão portuguesa $\alpha = .86$ e para a escala de afeto negativo da escala original $\alpha = .87$ e na versão portuguesa $\alpha = .89$ (Watson & Clark, 1994; versão portuguesa por Galinha & Pais-Ribeiro, 2005) (Anexo 2).

VOCI- Inventário de Obsessões-Compulsões de Vancouver

O Inventário de Obsessões- Compulsões de Vancouver (Thordarson, Radomsky, Rachman, Shafran, Sawchuk, e Hakstian, 2004; Adaptação Calisto, 2013) avalia os sintomas obsessivo-compulsivos dos participantes. Este inventário é composto por 55 itens, repartidos por seis sub-escalas, nomeadamente Contaminação (12 itens), Verificação (6 itens), Obsessões (12 itens), Acumulação (7 itens), *Just Right* (12 itens) e Indecisão (6 itens). Todos os itens são classificados através de uma escala de cinco pontos, em que 0 corresponde a “nada” e 4 corresponde a “muito”.

O VOCI mostrou uma excelente consistência interna (alfa de Cronbach = 0,96, 0,90, 0,94 e 0,98, respetivamente). A fiabilidade teste-reteste do VOCI calculada através do coeficiente de correlação de *Pearson* foi alta para uma amostra de indivíduos com POC ($r = 0,96$, $p < 0,001$), mas significativamente inferior na amostra de alunos universitários ($r = 0,52$, $p < 0,01$) (Thordarson *et al.*, 2004). Para o presente estudo foi

utilizada a versão portuguesa que se encontra em processo de adaptação (Thordarson et al., 2004; Adaptação Calisto, 2013) (Anexo 3).

MC-SDS- Marlowe-Crowne Social Desirability Scale

Esta escala é utilizada para medir o nível de desejabilidade social, ou seja, a tendência que os indivíduos têm para dar respostas socialmente aceites, evitando as respostas que são consideradas desfavoráveis pela sociedade. Foi utilizada uma versão traduzida da escala original MC-SDS composta por 33 itens com 5 níveis de resposta que vão de 1 a 7, em que 1 corresponde a “Discordo Totalmente” e 7 a “Concordo Totalmente” (Crowne & Marlowe, 1960). Uma vez que o paradigma experimental deste estudo se baseia em auto-relatos descritos pelos participantes foi importante a aplicação desta escala para controlo de tendências de resposta. A escala original composta pelos 33 itens apresenta uma consistência interna elevada ($\alpha = .88$) (Crowne & Marlowe, 1960) (Anexo 4).

SCT-N- Contamination Sensitive Scale

A Escala de Sensibilidade de Contaminação (S-CTN; Rachman, 2006 *cit in* Coughtrey, Shafran, Knibbs & Rachman, 2012) é um instrumento que é utilizado com o objetivo de avaliar a sensibilidade dos indivíduos à contaminação, ou seja, o grau em que se sentem incomodados ou perturbados pela sensação de estar contaminado. Esta medida é composta por 24 itens, classificados numa escala com 5 níveis de resposta que vão de 0 a 4, sendo que 0 corresponde a “Discordo Fortemente” e 4 a “Concordo Fortemente”. O S-CTN apresenta uma alta consistência interna ($\alpha = 0,92$) (Rachman, 2006; *cit in* Radomsky, Rachman, Shafran, Coughtrey, & Barber; versão portuguesa em processo de adaptação na Universidade do Algarve) (Anexo 5).

Entrevista Estruturada

Para recolher os dados relativos aos pensamentos e comportamentos dos participantes após a tarefa narrativa foi construída uma entrevista estruturada, composta por doze questões relacionadas com contaminação mental, comportamentos de lavagem, sensações de mal-estar e nojo. Para o efeito foram construídas duas versões, uma para o grupo experimental e outra para o grupo de controlo. O objetivo deste instrumento foi verificar se o participante desenvolveu compulsões de lavagem, sentimentos de contaminação mental ou física ou sensações de nojo dirigidas ao próprio ou a outros

indivíduos, após o relato da situação. Este instrumento permitiu igualmente recolher informações sobre a clareza das instruções que foram dadas aos participantes, assim como as sensações de mal-estar causadas pela descrição da situação. A entrevista é constituída por questões de resposta fechada e escalas visuais analógicas de 10 cm de comprimento (Anexos 6 e 7).

3.3 Procedimento de recolha de dados

A recolha de dados para a presente investigação foi composta por vários passos que serão apresentados de forma esquemática na Tabela 1.

Tabela 1:

Representação gráfica do procedimento de recolha de dados

Grupo Experimental	Consentimento Informado	Aplicação dos instrumentos de auto-resposta: Questionário de dados sócio-demográficos, VOICI, S-CTN, MC-SDS, PANAS (Pré-teste).	Manipulação Experimental: Relato de um episódio de traição, durante 10 minutos. Cada participante teria de descrever o acontecimento com o máximo de pormenores possível.	Aplicação de um instrumento de auto-resposta: PANAS (Pós-teste)	Pausa de 5 minutos	Aplicação da Entrevista Estruturada e Debriefing Final
Grupo de Controlo	Consentimento Informado	Aplicação dos instrumentos de auto-resposta: Questionário de dados sócio-demográficos, VOICI, S-CTN, MC-SDS, PANAS (Pré-teste).	Manipulação Experimental: Relato de um episódio de neutro, durante 10 minutos. Cada participante teria de descrever o acontecimento com o máximo de pormenores possível.	Aplicação de um instrumento de auto-resposta: PANAS (Pós-teste)	Pausa de 5 minutos	Aplicação da Entrevista Estruturada e Debriefing Final

De seguida serão apresentados de forma mais pormenorizada todos os passos decorridos ao longo da recolha de dados para investigação.

Após recebida a autorização do Exmo. Sr. Reitor da Universidade do Algarve para a recolha de dados, o procedimento de recolha de dados foi iniciado e constou de nove passos:

1. Atribuição dos participantes às condições experimentais. Os participantes foram distribuídos ao acaso às condições experimentais (retirando um papel de uma sacola).
2. Consentimento informado. Foi solicitado o consentimento informado (Anexos 8 e 9) e garantida a confidencialidade dos dados recolhidos.
3. Aplicação de instrumentos de auto-resposta. Após a obtenção do consentimento foram aplicados os instrumentos na ordem que se segue: questionário de dados sociodemográficos, a escala de afetos positivos e negativos, o inventário de obsessões e compulsões de Vancouver, a escala de sensibilidade à contaminação e a escala de desejabilidade social.
4. Manipulação experimental. Uma vez preenchidos os instrumentos, procedeu-se à manipulação experimental de carácter narrativo, consoante a condição a que os sujeitos tinham sido atribuídos. Recorremos, para esta investigação, à metodologia utilizada por Cogle, Goetz, Hawkins & Fitch, (2012) num estudo que procurava analisar o papel da culpa e no desenvolvimento de compulsões de lavagem. O motivo pelo qual optámos por recorrer a este paradigma e não ao paradigma do beijo-sujo, deveu-se á possibilidade que este paradigma proporciona de recolher relatos idiossincráticos de cada participante.

Aos participantes que constituíram o grupo experimental foi solicitado que, durante um período de dez minutos, relatassem um evento das suas vidas no qual se tivessem sentido traídos por alguém. Foi-lhes solicitado que revivessem o acontecimento com a maior vividez e que o descrevessem da forma mais detalhada possível, de modo a incluir sensações, pensamentos ou sentimentos que tenham sentido no momento. As instruções utilizadas para o efeito foram traduzidas e adaptadas a partir das instruções que Cogle e colaboradores (2012). As instruções foram transmitidas de forma oral e por escrito a cada participante. Incluíam alguns exemplos de situações que poderiam ser consideradas como episódios de traição, tendo em conta a classificação apresentada por Rachman (2010). A categorização apresentada por este autor descrevia cinco tipos de traição principais, nomeadamente infidelidade, desonestidade, deslealdade, falha na assistência e divulgação de informações

confidenciais. Para controlar a existência de possíveis efeitos de primazia ou efeitos de recência foram criadas cinco versões contrabalançadas que diferiam na ordem de apresentação dos exemplos de traição.

As instruções que os participantes da condição experimental receberam foram as seguintes : *“Por favor, recorde e descreva, durante um período de 10 minutos, um evento relativamente marcante da sua vida, no qual se tenha sentido traído por alguém. Alguns exemplos de traição podem incluir casos de infidelidade, de desonestidade, de deslealdade, situações em que necessitou de ajuda de alguém próximo e esta não lhe foi prestada ou divulgação de informações confidenciais a seu respeito (por exemplo, divulgação de um segredo). Tente reviver esse momento no qual se sentiu vítima de traição e descreva-o da forma mais precisa e detalhada que consiga. É muito importante que descreva detalhes dos pensamentos, sentimentos e sensações dessa situação e de como se sente atualmente relativamente a ela. Lembre-se que tudo o que escrever é completamente confidencial. Por favor, escreva o total de 10 minutos.”*

Aos participantes da condição de controlo foi solicitado que relatassem durante um período de dez minutos um evento neutro da sua vida. As instruções para os participantes desta condição foram também transmitidas de forma oral e por escrito. A instrução completa do grupo de controlo foi a seguinte: *“Por favor, recorde e descreva, durante um período de 10 minutos, um evento relativamente neutro da sua vida, no qual não se tenha sentido nem mal, nem bem. Alguns exemplos podem incluir uma atividade desportiva que pratique, a matéria de uma aula ou uma rotina diária. Tente reviver esse momento e descrevê-lo da forma mais precisa e detalhada que consiga. É muito importante que descreva detalhes dos pensamentos, sentimentos e sensações dessa situação. Lembre-se que tudo o que escrever é completamente confidencial. Por favor, escreva o total de 10 minutos.”*

5. Aplicação de um instrumento de auto-relato. Uma vez finalizada a tarefa narrativa, os participantes preencheram novamente a escala de afetos positivos e negativos.
6. Pausa. Posteriormente, foi comunicado ao participante que iria ser feita uma pequena pausa de cinco minutos que fazia parte do procedimento e durante a qual poderiam ir à casa de banho ou beber água, se necessitassem. A água foi propositadamente disponibilizada pelo investigador e encontrava-se ao alcance

de todos os participantes. Foi referido também que quando a pausa terminasse iria ser aplicada uma pequena entrevista para finalizar a experiência.

7. Aplicação de entrevista estruturada e *Debriefing* final.
8. Classificação das narrativas de traição. No início da manipulação experimental proporcionou-se a participante um envelope com apenas um número para que colocassem no seu interior a narrativa realizada. Finalizada a entrevista, solicitou-se aos participantes que colocassem na narrativa dentro do envelope. O envelope fechado deveria ser colocado, dentro de uma urna.
9. Uma vez recolhidos os dados dos 90 participantes, a urna foi entregue a dois juízes independentes que conheciam os objetivos da experiência mas desconheciam a identidade dos participantes. Foi solicitado aos juízes que classificassem as narrativas de traição de acordo com a categorização proposta por Rachman (2010), nomeadamente Infidelidade, Desonestidade, Deslealdade, Falha na Assistência e Divulgação de Informação. Para aumentar a concordância entre os juízes, foi proporcionada aos mesmos a descrição dos diferentes tipos de narrativas (Anexo 10).

Após a classificação das narrativas foi realizada a análise de concordância entre os dois juízes e obteve-se um ($K = 0.671$), que corresponde a uma concordância substancial na classificação de narrativas.

Da análise anterior resultaram 20 casos de infidelidade, 4 de desonestidade, 24 de deslealdade, 5 de falha na assistência e 5 de divulgação de informação.

Para o presente trabalho foram selecionados para experimenta os casos de traição de deslealdade ($N=24$). Foi, ainda, selecionada uma amostra de 24 participantes do grupo de controlo emparelhada nas características sociodemográficas com o grupo experimental.

3.4 Procedimento de análise de dados

Para proceder à análise dos dados utilizou-se o programa de análise de dados estatísticos SPSS (versão 20.0).

Para a caracterização sociodemográfica das amostras foram utilizadas tabelas de frequências e calculadas medidas de tendência central (média) e de dispersão (desvio-padrão).

Procedeu-se à análise das variáveis psicológicas e psicopatológicas através do Teste T para amostras independentes e para a estimação do tamanho do efeito foi considerado o valor do d de Cohen (d). Foram consideradas magnitudes pequenas de efeito os valores de $d = .2$, magnitudes médias, o valor $d = .5$, e as superiores ou iguais a $d = .8$, magnitudes grandes (Cohen, 1988).

Para testar a significância das diferenças entre os grupos (GE vs. GC) foi também utilizado o Teste T para amostra independentes quando as variáveis são quantitativas e o teste de independência do Qui-Quadrado quando as variáveis são qualitativas.

Para a análise das medidas pré e pós manipulação experimental, foi realizada uma análise de variância com medidas repetidas (ANOVA *Repeated Measures*). Para a estimação do tamanho do efeito foi considerado o valor do eta quadrado parcial (η_p^2). Foram consideradas magnitudes pequenas do efeito os valores de $\eta_p^2 \leq .009$, entre $.058 > \eta_p^2 < .13$ magnitudes médias, e as superiores ou iguais a $\eta_p^2 = .14$, magnitudes grandes (Cohen, 1973).

Foi considerado o nível de significância de 5% para a tomada de decisão relativamente aos testes estatísticos realizados.

Capítulo 4- Descrição dos Resultados

Neste ponto serão descritos os resultados mais relevantes obtidos a partir das análises realizadas. A apresentação dos mesmos será estruturada para dar resposta aos objetivos e hipóteses formuladas. Será, contudo, de forma prévia, analisada a homogeneidade dos participantes atribuídos às condições experimentais no que diz respeito às variáveis psicológicas e psicopatológicas e analisada a verificação da manipulação experimental.

4.1 Análise da comparação entre grupos nas variáveis psicológicas e psicopatológicas

Previamente à análise dos resultados da investigação propusemo-nos a comparar os grupos em estudo relativamente às variáveis psicológicas e psicopatológicas, com o objectivo de verificar a homogeneidade dos mesmos.

Não encontramos diferenças estatisticamente significativas (VOCI: $t(46) = -.033$; $p = .974$; $d = -.009$) nos sintomas obsessivo-compulsivos dos participantes em função de terem sido atribuídos a condição de experimental ou a de controlo (GE: $M = 35.92$; $DP = 29.07$; GC: $M = 36.17$; $DP = 23.73$), nem, de forma mais específica [$t(46) = -.559$; $p = .579$; $d = -.162$], nos sintomas de contaminação que apresentavam (VOCI [subescala contaminação]: GE: $M = 6.58$; $DP = 7.529$; GC: $M = 7.71$; $DP = 6.376$). Da mesma forma, também não se diferenciaram de forma significativa (S-CTN: $t(46) = 1.051$; $p = .299$; $d = .304$) na sensibilidade a contaminação que apresentavam (GE: $M = 66.67$; $DP = 16.47$; GC: $M = 61.79$; $DP = 15.65$). Os participantes de ambos os grupos também não diferiram (MC-SDS: $t(46) = .127$; $p = .899$; $d = .037$) nos níveis de desejabilidade social que apresentavam (GE: $M = 125.42$; $DP = 19.88$; GC: $M = 124.71$; $DP = 18.63$).

De acordo com estes resultados, podemos considerar que os participantes do GE e do GC eram equivalentes nas variáveis psicológicas e psicopatológicas analisadas.

4.2 Variáveis de controlo da manipulação experimental

Numa fase inicial procedeu-se à análise das variáveis de controlo da manipulação experimental. Esta análise permitiu verificar a existência de diferenças entre os grupos no que diz respeito à clareza das instruções dadas e à vividez da recordação.

Verificou-se que não existem diferenças estatisticamente significativas com uma magnitude de efeito baixa [$t(46) = -1.007$; $p = .319$; $d = -.29$] no que se refere à clareza das instruções dadas aos participantes entre o grupo experimental e o grupo de controlo (GE: $M = 9.179$; $DP = 1.234$; GC: $M = 9.475$; $DP = .7397$). Pelo contrário observaram-se diferenças significativas entre os grupos relativamente à forma como os participantes vivenciaram a recordação [$t(46) = -2.010$; $p = .050$; $d = -.58$]. Embora o grupo de controlo tivesse uma recordação significativamente mais vívida da situação do que o grupo de controlo (GC: $M = 7.754$; $DP = 2.481$; GE: $M = 6.375$; $DP = 2.268$), a magnitude desta diferença foi baixa.

4.3 Verificação da manipulação experimental

4.3.1 Análise das sensações de contaminação mental

No sentido de verificar o efeito que a manipulação experimental teve nos participantes de ambos os grupos foram analisadas as sensações de contaminação mental provocadas pela tarefa experimental, assim como os comportamentos adoptados por cada um dos participantes para neutralizar as sensações.

No que se refere à sensação de sujidade analisada na questão: “Em que medida a recordação da situação o fez sentir-se sujo”, não se produziram diferenças estatisticamente significativas [$t(46) = 1.247$; $p = .219$; $d = .36$] entre o grupo experimental e o grupo de controlo (GE: $M = .858$; $DP = 1.440$; GC: $M = .408$; $DP = 1.023$). Também não se verificaram diferenças significativas relativamente à sensação de sujidade interna [$t(46) = 1.733$; $p = .090$; $d = .50$] entre os grupos (GE: $M = 1.146$; $DP = 1.927$; GC: $M = .375$; $DP = 1.019$), nem em relação à sensação de sujidade externa [$t(46) = 1.915$; $p = .062$; $d = .55$] entre o grupo experimental e o grupo de controlo (GE: $M = .496$; $DP = .936$; GC: $M = .121$; $DP = .209$).

A questão que abordava a localização da sujidade dos participantes não foi analisada, uma vez que as respostas dadas pelos participantes foram consideradas inválidas. Mais precisamente, os participantes apontaram como locais a sola dos sapatos ou o cabelo, daí não considerarmos este tipo de respostas.

4.3.1 Análise dos Afectos Positivos e Negativos

Todos os participantes foram questionados acerca do mal-estar que sentiram após a recordação da situação de traição. O grupo experimental (GE: $M = 4.74$; $DP = 2.1$) apresentou níveis significativamente [$t(46) = 5.141$; $p = .000$; $d = 1.484$] superiores de mal-estar quando comparado com o grupo de controlo (GC: $M = 1.66$; $DP = 2.04$). A magnitude do efeito foi elevada.

Posteriormente, os participantes foram questionados acerca dos comportamentos de neutralização adoptados para reduzir o mal-estar sentido. Também foram observadas diferenças significativas entre os grupos ($X^2 = 16.427$; $p = .021$).

Mais especificamente, observou-se que 33.3% do grupo experimental refere ter pensado noutros assuntos para reduzir o mal-estar, 25% refere não ter feito qualquer tipo de acção ou pensamento e os restantes distribuíram-se entre ir à casa de banho,

beber água, respirar fundo, andar, desvalorizar o assunto e conversar. Relativamente ao grupo de controlo verificou-se que 79.2% não fez nada para reduzir o mal-estar, 16.7% pensou noutros assuntos e 4.2% respirou fundo. Na Tabela 2 é possível observar todos os comportamentos adoptados pelos participantes de ambos os grupos.

Tabela 2:

Comportamentos adoptados pelos participantes para evitarem o mal-estar sentido depois da recordação (N=48)

Variável	Grupo Experimental (N=24)	Grupo de Controlo (N=24)	Total (N=48)
Ir à casa de banho	2 (8.3%)	0%	2 (4.2%)
Andar	1 (4.2%)	0%	1 (2.1%)
Beber água	2 (8.3%)	0%	2 (4.2%)
Conversar	1 (4.2%)	0%	1 (2.1%)
Desvalorização assunto	2 (8.3%)	1 (4.2%)	3 (6.2%)
Nada	6 (25%)	19(79.2%)	25 (52.1%)
Pensar noutros assuntos	8 (33.3%)	4 (16.7%)	12 (25%)
Respirar Fundo	2 (8.3%)	0%	2 (4.2%)

Foi efectuada a análise das alterações nas emoções positivas e negativas como consequência da manipulação experimental. Esta análise foi realizada através da ANOVA com medidas repetidas. Foram consideradas as seguintes variáveis: o momento de aplicação do instrumento (pré e pós manipulação) foi considerado como a variável intrasujeitos, a pertença dos indivíduos às condições experimentais (GE, GC) como a variável intragrupos e a média dos afetos positivos e negativos como variáveis dependentes.

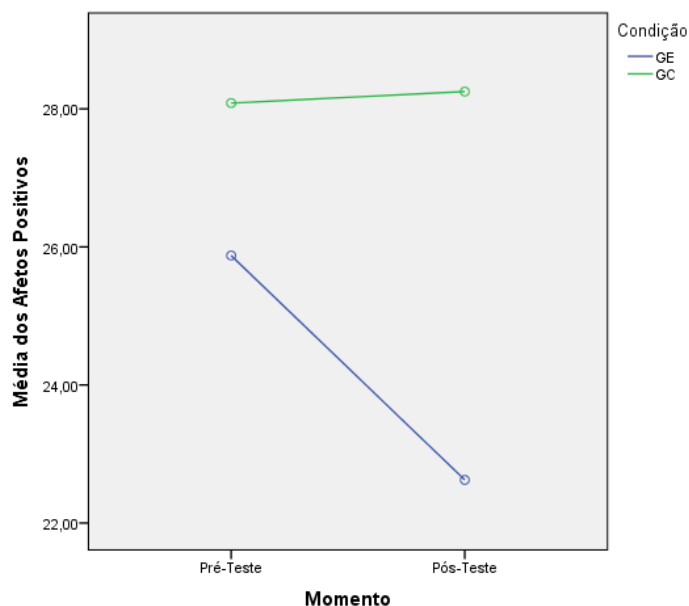
Os resultados mostraram que, embora as diferenças nos afetos positivos entre o primeiro e o segundo momento não fossem estatisticamente significativas ($F_{\text{Greenhouse-Geisser}}(1,46) = 3.728; p=.060, \eta_p^2 = .075$), o nível de significância se situou muito próximo do estabelecido e a magnitude obtida para o tamanho do efeito foi média, pelo que podemos considerar que os participantes apresentaram, em média, menos afetos positivos no segundo momento em comparação com o primeiro.

A análise da variável entre-sujeitos mostrou a existência de diferenças significativas na média dos afetos positivos entre o grupo de controlo e o grupo experimental ($F_{\text{Greenhouse-Geisser}}(1,46) = 4.451; p=.040, \eta_p^2 = .088$) e a magnitude do

tamanho da diferença foi média. A diminuição observada nos afetos positivos entre o momento prévio e posterior à manipulação experimental em ambos os grupos, parecem ter sido devidas, como era esperado à manipulação experimental realizada ($F_{\text{Greenhouse-Geisser}}(1,46) = 4.577$; $p = .038$, $\eta_p^2 = .090$) (Figura 1).

Figura 1:

Afectos positivos (Resultados da análise de variância) (N= 48)



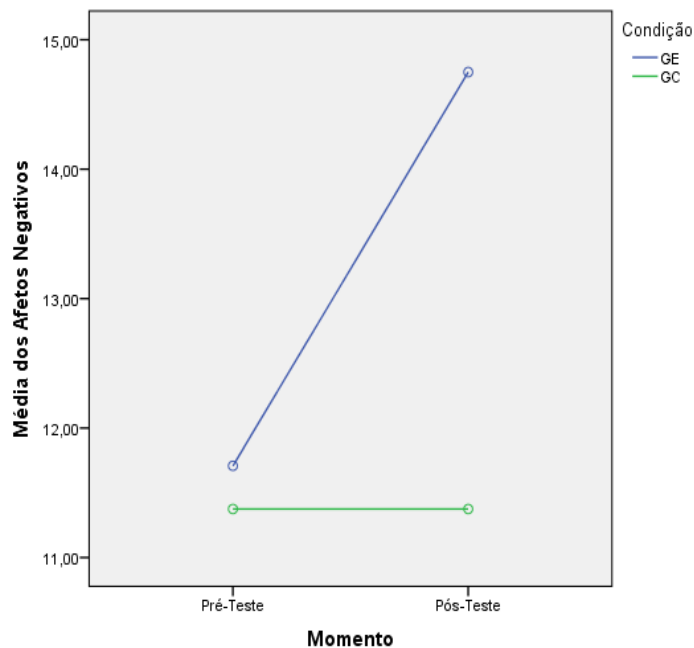
Nota: GE- Grupo Experimental; GC- Grupo Experimental

Relativamente à análise dos afetos negativos, os resultados indicaram que as diferenças entre o primeiro e o segundo momento foram estatisticamente significativas e que a magnitude de efeito foi elevada ($F_{\text{Greenhouse-Geisser}}(1,46) = 7.993$; $p = .007$, $\eta_p^2 = .148$), pelo que podemos considerar que os participantes apresentaram uma média superior de afetos negativos no segundo momento comparativamente com o primeiro.

A análise da variável entre-sujeitos mostrou a existência de diferenças significativas na média dos afetos negativos entre ambos os grupos ($F_{\text{Greenhouse-Geisser}}(1,46) = 6.836$; $p = .012$, $\eta_p^2 = .129$) e a magnitude do tamanho da diferença foi igualmente elevada. Na Figura 2 é possível verificar que as diferenças observadas na média dos afetos negativos entre o momento prévio e posterior à manipulação experimental parecem ter sido influenciadas, como era esperado, pela manipulação experimental ($F_{\text{Greenhouse-Geisser}}(1,46) = 7.993$; $p = .007$, $\eta_p^2 = .148$).

Figura 2:

Afectos Negativos (Resultados da análise de variância) (N=48)



Nota: GE- Grupo Experimental; GC- Grupo de controle

O teste de independência do Qui-Quadrado indica que existem diferenças estatisticamente significativas no que se refere à descrição do mal-estar sentido pelos participantes de ambos os grupos após a recordação ($X^2_{(10)} = 38; p = 0.000$). Verificou-se que 16.7% do grupo experimental descreveu o mal-estar como uma sensação de desconforto, 12.5% refere ter sentido desilusão e os restantes dividiram-se entre ansiedade, culpa, pena e nenhum tipo de sensação. Quanto ao grupo de controle, 75% refere não ter experienciado nenhum tipo de mal-estar, 16.7% descreveu uma sensação de desconforto, sendo que os restantes 4.2% dividiram-se entre ansiedade e saudade (Tabela 3).

A forma como os participantes descrevem o mal-estar sentido após a manipulação experimental corrobora os resultados obtidos na análise dos afectos positivos e negativos, uma vez que predominam os afectos negativos na descrição dos mesmos.

Tabela 3:*Descrição do Mal-estar sentido pelos participantes de ambos os grupos (N=48)*

Variável	Grupo Experimental (N=20)	Grupo de Controlo (N=20)	Total (N=40)
Ansiedade	1 (4.2%)	1 (4.2%)	2 (4.2%)
Culpa	1 (4.2%)	0 (0%)	1 (2.1%)
Desconforto	4 (16.7%)	4 (16.7%)	8 (16.7%)
Desilusão	3 (12.5%)	0 (0%)	3 (6.2%)
Nenhum	0 (0%)	18 (75%)	18 (37.5%)
Pena	3 (12.5%)	0 (0%)	3 (6.2%)
Raiva	1 (4.2%)	0 (0%)	1 (2.1%)
Revolta	3 (12.5%)	0 (0%)	3 (6.2%)
Saudade	0 (0%)	1 (4.2%)	1 (2.1%)
Traição	3 (12.5%)	0 (0%)	3 (6.2%)
Tristeza	5 (20.8%)	0 (0%)	5 (10.4%)

4.3.3 Análise dos sentimentos de nojo

No que se refere ao sentimento de nojo dirigido ao perpetrador da traição, o grupo experimental (GE: $M= 3.56$; $DP= 3.22$) apresentou níveis significativamente [$t(46)= 5.251$; $p= .000$; $d= 1.52$] superiores de nojo comparativamente com o grupo de controlo (GC: $M= 0.100$; $DP= 0.228$). A magnitude do efeito foi elevada. Em relação ao nojo dirigido ao próprio, o grupo experimental (GE: $M= 0.963$; $DP= 1.693$) apresentou níveis estatisticamente mais elevados [$t(46)= 1.869$; $p= .068$; $d= .54$], quando comparado com o grupo de controlo (GC: $M= 0.267$; $DP= 0.679$). Neste caso, a magnitude de efeito foi considerada média.

4.3.4 Análise dos impulsos de lavagem e das estratégias de neutralização e evitamento

No que diz respeito aos impulsos de lavagem, não se verificaram diferenças significativas ($X^2= 1.021$; $p= .312$), dado que a maioria dos participantes de ambos os grupos respondeu de forma negativa à necessidade de recorrer a rituais de lavagem (GE: 95.8%; GC: 100%). Após serem questionados acerca da necessidade de beber água e de lavar alguma parte do corpo, os participantes responderam à questão “6. Se fez alguma destas coisas com o objetivo de eliminar possíveis sensações de sujidade, sentiu-se mais

limpo/a depois de o fazer?” Nesta questão apenas um dos participantes do grupo experimental respondeu de forma afirmativa.

Relativamente à questão “Bebeu água durante o tempo em que esteve sozinho/a?” não foram verificadas diferenças estatisticamente significativas entre os grupos ($X^2_{(1)} = 1,613$; $p = .204$). No que se refere aos motivos que levaram os participantes a beber água, não se verificaram diferenças significativas nos dois grupos ($X^2_{(3)} = 3.111$; $p = .375$). No entanto observou-se que o motivo principal foi sede (GE: 55.6%; GC: 100%) (Tabela 4).

Tabela 4:

Comportamentos de neutralização e de evitamento do mal-estar (N=48)

Variável	Grupo Experimental (N=24)	Grupo de Controlo (N=24)	Total (N=48)
Boca Seca	2 (22.2%)	0%	2 (14.3%)
Sede	5 (55.6%)	5 (100%)	10 (71.4%)
Sede e diminuir a ansiedade	1 (11.1%)	0%	1 (7.1%)
Sede e reduzir o desconforto	1 (11.1%)	0%	1 (7.1%)

Capítulo 5- Discussão dos Resultados

A presente investigação teve como objetivo geral induzir a sensação de contaminação mental através da recordação de uma situação de traição experienciada pelos participantes. Os objetivos específicos foram os seguintes: verificar a presença de sensações de contaminação mental e/ou física após a recordação da traição, verificar a presença de comportamentos associados à contaminação mental, como a localização da sensação de sujidade, os impulsos de lavagem ou o desenvolvimento de estratégias de lavagem e evitamento, verificar a existência de alterações emocionais e afetivas antes e depois da manipulação experimental e averiguar a presença de elevados níveis de nojo após a recordação da situação de traição.

Tendo em conta os resultados apresentados, não foram observadas diferenças estatisticamente significativas entre os grupos nas variáveis psicológicas e psicopatológicas, assim como nas variáveis sociodemográficas, o que indica que os grupos em estudo eram equivalentes. Da mesma forma, na análise das variáveis de

controlo da manipulação experimental também não foram verificadas diferenças estatisticamente significativas.

De seguida serão discutidos os resultados relativos às hipóteses formuladas para a presente investigação.

No que diz respeito à análise das sensações de contaminação mental, não se verificaram diferenças significativas entre os grupos, nomeadamente na sensação de sujidade interna ou externa. Nalguns dos estudos analisados (e.g. Elliot & Radomsky, 2009; Elliot & Radomsky, 2012 e Herba & Rachman, 2007), a manipulação experimental originou diferenças significativas ao nível da contaminação mental e das sensações de sujidade física em ambas as condições analisadas.

O facto de os nossos resultados não terem sido congruentes com os obtidos no presente estudo pode ser devido à moralidade inerente à traição. Segundo Rachman (2006), a avaliação por parte de um indivíduo de uma determinada situação como errada ou imoral, pode ser o suficiente para desencadear sensações de contaminação mental (Rachman, 2006 cit in Elliot & Radomsky, 2009). Elliot & Radomsky (2009) introduziram a variável da moralidade no seu estudo e puderam concluir que a imaginação de uma situação não-consensual produz sensações de contaminação mental independentemente do carácter moral do perpetrador, no entanto, na condição consensual também podiam ser desencadeadas essas mesmas sensações, desde que o perpetrador fosse descrito como imoral.

O facto de não termos encontrado diferenças significativas entre os grupos, no presente estudo, leva-nos a considerar que talvez nem as situações de traição descritas pelos participantes, nem os perpetradores das mesmas, tenham sido verdadeiramente percecionadas como imorais.

Tendo em conta que, de acordo com Rachman (2010), as consequências que a traição pode trazer para os indivíduos dependem do tipo de traição, podemos considerar que a deslealdade talvez possa não ser um tipo de traição suficientemente catastrófica para originar sensações de sujidade. Para além disso, o mesmo autor refere que o significado que cada pessoa atribui ao ato de trair é importante para compreender a gravidade da situação, pelo que poderia ter sido importante a recolha prévia de informação acerca da opinião dos participantes relativamente ao conceito geral de traição.

Para além da questão da moralidade e do conceito geral de traição, os resultados obtidos no presente estudo podem também estar relacionados com os preditores de

contaminação/sujidade analisados no estudo de Herba & Rachman (2007). Com a sua investigação, Herba & Rachman (2007) verificaram que os principais preditores de contaminação/sujidade são o medo da contaminação física e a sensibilidade à contaminação. Esta associação sugere que as pessoas que são mais sensíveis à contaminação física podem ser também mais sensíveis à contaminação mental.

Na presente investigação foi utilizado um conjunto de questionários iniciais, entre os quais o Inventário de Sensibilidade à Contaminação. No entanto, os mesmos foram apenas utilizados para efeitos de controlo da homogeneidade dos grupos em estudo, pelo que não tínhamos como objectivo correlacionar os dados obtidos nos questionários com os resultados da entrevista final. Por este motivo não foi realizada nenhuma análise que mostrasse se os participantes em estudo podiam não ser suficientemente sensíveis à contaminação para originar resultados significativos.

No que se refere ao medo da contaminação, não foi aplicado nenhum questionário que avaliasse previamente o grau de medo geral sentido por todos os participantes. Da investigação de Cogle, Lee, Horowitz, Wolitzky-Taylor & Telch (2008), a qual teve como objectivo validar o questionário de contaminação mental, “Mental Pollution Questionnaire (MPQ)” resultou uma versão final desse instrumento com oito itens e duas escalas relacionadas com a lavagem. Um instrumento como este podia ter sido utilizado com o intuito de verificar se os participantes revelavam características associadas ao medo da contaminação, já que este é um dos grandes preditores de contaminação mental (Cogle, Lee, Horowitz, Wolitzky-Taylor & Telch, 2008).

Neste sentido, os resultados encontrados não nos permitem confirmar a hipótese número um desta investigação, a qual indicava que a recordação de uma situação de deslealdade iria produzir maiores níveis de contaminação mental no grupo experimental.

No que se refere à análise dos resultados obtidos na Escala de Afectos Positivos e Negativos, podemos observar diferenças significativas entre os grupos no pré-teste e no pós-teste. O grupo experimental apresentou diferenças significativas entre os dois momentos do preenchimento da escala, sendo que os afectos positivos foram mais elevados no pré-teste, do que no pós-teste, enquanto os negativos foram superiores no pós-teste.

Estes resultados permitem confirmar a hipótese de que a recordação de uma situação de traição provoca um aumento significativo das emoções negativas,

comparativamente com a recordação de uma situação neutra. Em vários estudos analisados (Fairbrother & Rachman, 2004; Rachman, Fairbrother, Newth & Rachman, 2005); Rachman, Radomsky, Elliot & Zysk, 2011) também se verificou que a imaginação de uma situação não consensual desencadeou significativamente mais emoções negativas, como o medo, a raiva, a vergonha e a tristeza.

Também foram encontradas diferenças significativas quando apurámos na entrevista final da experiência o nível de mal-estar sentido por cada participante após a tarefa narrativa, nomeadamente sensações de desconforto e tristeza. Entre os comportamentos neutralizadores mais adoptados para reduzir esse mal-estar podemos encontrar: Pensar em outros assuntos; Ir à casa de banho; Beber água; Respirar fundo; Desvalorizar o assunto; Andar; e conversar.

O desenvolvimento deste tipo de comportamentos vai ao encontro do que foi verificado no estudo de Fairbrother, Newth & Rachman (2005), uma vez que 39 das 121 participantes do estudo envolveram-se igualmente em comportamentos de neutralização para reduzir o desconforto. Neste estudo, os comportamentos mais adoptados são semelhantes aos verificados na presente investigação, nomeadamente “Distração Mental”, “Distração comportamental”, “Supressão do pensamento” e “Estratégias de relaxamento”.

As diferenças significativas que foram observadas entre os grupos ao nível das emoções negativas e do mal-estar originados pela recordação da traição permitem-nos concluir que embora a manipulação experimental possa não ter sido suficiente para provocar sensações de sujidade interna e externa, permitiu induzir sensações de desconforto através da recordação da deslealdade e originar alterações nos afetos e nas emoções dos participantes.

Relativamente à análise dos sentimentos de nojo foi possível observar diferenças significativas entre os grupos, quer em relação ao perpetrador da traição, quer relativamente ao próprio. Estes resultados vão ao encontro das nossas expectativas iniciais e são congruentes com os resultados das investigações acerca do nojo e da contaminação física e mental (e.g., Berle & Phillips, 2006; Olatunji & Sawchuk, 2005; Rozin, Haidt & McCauley, 2008).

De acordo com Rozin, Haidt & McCauley (2008) existem quatro tipos de nojo, entre os quais podemos encontrar o nojo interpessoal e o nojo moral. Um dos domínios que tem sido proposto como preditor no desenvolvimento do nojo interpessoal tem sido a mácula moral ou defeito moral (Rozin, Haidt & McCauley, 2008). Este domínio

refere-se à repugnância directamente relacionada com indivíduos que se envolvem em acções moralmente irrepreensíveis. Entre os vários exemplos deste tipo de acções podemos encontrar a traição (Miller, 1997; cit in Olatunji & Sawchuk, 2005).

Os resultados do presente estudo proporcionam evidência empírica para estas asserções pois confirmam que a recordação de uma situação de traição conduz à experiencição de elevados sentimentos de nojo dirigido aos perpetradores da mesma.

Segundo Berle & Phillips (2006), o interesse em estudar o nojo como um factor importante no desenvolvimento de sensações de contaminação e da perturbação obsessivo-compulsiva assenta em três pontos principais. O primeiro ponto tem inerente a ideia de que as avaliações que os indivíduos tendem a fazer em determinadas situações e que levam a respostas de nojo podem ter subjacentes preocupações de contaminação. O segundo refere-se ao facto de possa existir um défice ao nível do reconhecimento do nojo em indivíduos diagnosticados com POC. O último ponto é onde surge a hipótese de que as respostas de nojo e as respostas inerentes à POC são ambas comandadas pela mesma região cerebral (Berle & Phillips, 2006).

Para análise dos resultados do presente estudo, apenas foi tido em conta o primeiro ponto referido por Berle & Phillips (2006). Deste modo, os elevados níveis de nojo sentidos pelos participantes face aos envolvidos na traição e ao próprio podem indicar que após a recordação da situação tenham surgido ideias de contaminação relacionadas com aqueles indivíduos. Quer isto dizer, que embora não tenham existido diferenças significativas ao nível da contaminação mental, os elevados níveis de nojo que foram verificados podem ter inerentes preocupações de contaminação, que podem não ter sido reconhecidas como tal, pelos participantes do estudo.

Tendo em conta todos os resultados apresentados podemos confirmar a hipótese número três, na qual se refere que a recordação de uma situação de deslealdade produzirá elevados sentimentos de nojo no grupo experimental.

Por último, no que diz respeito aos impulsos de lavagem, não se verificaram diferenças significativas entre os grupos, na medida em que 95,8% do grupo experimental e todos os participantes do grupo de controlo não revelaram necessidade de lavagem após a recordação. De igual forma, não se observaram diferenças significativas relativamente ao número de participantes que bebeu água durante a pausa da experiência.

De acordo com os estudos analisados (Elliot & Radomsky, 2009; Elliot & Radomsky, 2012; Fairbrother, Newth & Rachman, 2005; Fairbrother & Rachman, 2004;

Herba & Rachman, 2007; e Rachman, Radomsky, Elliot & Zysk, 2011) observou-se que que o grupo experimental relatou significativamente mais impulsos de lavagem e comportamentos de neutralização, assim como necessidade de beber, com o grupo de controlo.

Embora não sejam significativos, os nossos resultados são congruentes com os resultados obtidos no estudo de Elliot & Radomsky (2009), na medida em que foram poucas as mulheres que se envolveram em comportamentos de lavagem. Na investigação de Fairbrother, Newth & Rachman (2005) embora tenham ocorrido mais comportamentos de lavagem nas participantes do grupo experimental, o número também foi bastante reduzido (8 em 91 mulheres), o que também indica que a lavagem nem sempre acontece.

Elliot & Radomsky (2009) apresentaram como possível justificação para o pouco desenvolvimento dos comportamentos de lavagem o facto de não ter existido previamente nenhuma descrição física do sujeito. No presente estudo, embora todas as histórias envolvam traição, mais precisamente casos de deslealdade, segundo a classificação dos juízes não existiu contacto físico significativo entre os envolvidos da situação.

Deste modo, a ausência de impulsos de lavagem significativos pode também estar relacionada com a ausência de contacto físico, já que em todas as experiências descritas anteriormente (Elliot & Radomsky, 2009; Elliot & Radomsky, 2012; Fairbrother, Newth & Rachman, 2005; Fairbrother & Rachman, 2004; Herba & Rachman, 2007; e Rachman, Radomsky, Elliot & Zysk, 2011) existiu contacto físico, mesmo que imaginado.

Relativamente à necessidade dos participantes de beber água durante a pausa observaram-se diferenças significativas, na medida em que a percentagem de estudantes que bebeu água é superior no grupo experimental (37,5%) comparativamente ao grupo de controlo (20,8%). No entanto, os motivos que levaram os participantes a beber água foram essencialmente sede e a sensação de boca seca. Não existe nenhuma referência à necessidade de lavagem, como acontece no estudo de Herba & Rachman (2007), no qual os principais motivos pelos quais os participantes do grupo experimental beberam água e se lavaram foram para reduzir as sensações físicas na boca e para reduzir a sensação de sujidade.

Tendo em conta os resultados não é possível confirmar a hipótese número quatro, a qual sugere que a recordação de uma situação de traição originará mais

impulsos de lavagem e estratégias de neutralização e evitamento no grupo experimental. No entanto, estes resultados remetem-nos novamente para a importância que o tipo de traição pode ter no desenvolvimento deste tipo de comportamentos. Desta forma, podemos considerar que a deslealdade não seja um tipo de traição suficientemente catastrófica para gerar este tipo de manifestações nas vítimas.

Capítulo 6- Considerações Finais

Através dos resultados obtidos podemos afirmar que a recordação de uma situação de traição, nomeadamente de deslealdade despoleta o surgimento de mais emoções negativas e de sentimentos de nojo. Para além disso verificou-se que efetivamente a manipulação experimental provocou elevados níveis de mal-estar, os quais desencadearam diversas ações e/ou pensamentos como forma de reduzir o desconforto gerado pela recordação.

No entanto, não foi possível comprovar que a recordação de uma situação de traição seja passível de originar sensações de contaminação física ou mental, nem impulsos de lavagem. Tendo em conta que Rachman (2010) refere que o nível de catastrofismo associado à traição é fundamental para o desenvolvimento ou não de sensações de contaminação é possível concluir que a deslealdade pode não ser um tipo de traição suficientemente grave para gerar este tipo de sensações.

Neste sentido, não podemos confirmar uma possível relação entre o sofrer uma traição de deslealdade e o desenvolvimento de sensações e comportamentos de contaminação, mas sim afirmar que a traição é uma situação que provoca várias alterações, tanto emocionais, como psicológicas e que apenas em casos mais graves poderá ter consequências mais negativas.

Ao que se sabe, a investigação acerca da relação entre a traição e a POC ainda é muito escassa, pelo que parece importante continuar a pesquisa relativamente à influência que os vários tipos de traição podem ter na vida dos indivíduos.

Relativamente às limitações deste estudo pode-se referir a dimensão reduzida da amostra final (N=48), uma vez que a maioria dos estudos analisados apresenta amostras superiores, entre 120 a 170 participantes.

Como limitação também pode ser apontado o facto de não ter sido recolhida nenhuma informação acerca do conceito de traição para cada participante, assim como o grau de intensidade com que vivenciaram a traição. A recolha deste tipo de informação

poderia ser fundamental para compreender quais os motivos pelos quais não se observaram diferenças significativas relativamente à contaminação mental.

Capítulo 7- Referências Bibliográficas

- Abramowitz, J. S., Taylor, S., & McKay, D. (2009). Obsessive-compulsive disorder. *The Lancet*, 374(9688), 491-499.
- Berle, D. & Phillips, E. (2006). Disgust and Obsessive-Compulsive Disorder: An Update. *Psychiatry*, 69 (3).
- Calisto, L. (2013). Indução de Contaminação Mental em Vítimas de Traição- numa amostra de indivíduos não-clínicos. *Dissertação de Mestrado não publicada*. Universidade do Algarve.
- Cogle, J., Goetz, A., Hawkins, K. & Fitch, K. (2012). Guilt and Compulsive Washing: Experimental Tests of Interrelationships. *Cognitive Therapy and Research*, 36, 358-366.
- Cogle, J., Lee, H., Horowitz, J., Wolitzky-Taylor, K. & Telch, M. (2008). An Exploration of the relationship between mental pollution and OCD symptoms. *Journal of Behavior Therapy and Experimental Psychiatric*, 39, 340-353.
- Cohen, J. (1973). Eta-Squared and Partial Eta-Squared in fixed factor ANOVA designs. *Educational and Psychological Measurement*, 33(1), 107-112.
- de Silva, P., & Marks, M. (1999). The role of traumatic experiences in the genesis of obsessive-compulsive disorder. *Behaviour Research and Therapy*, 37(10), 941-951.
- Elliott, C. M., & Radomsky, A. S. (2009). Analyses of mental contamination: Part I, experimental manipulations of morality. *Behaviour Research and Therapy*, 47(12), 995-1003.
- Elliott, C. M., & Radomsky, A. S. (2012). Mental contamination: The effects of imagined physical dirt and immoral behaviour. *Behaviour Research and Therapy*, 50(6), 422-427.
- Fairbrother, N., Newth, S. J., & Rachman, S. (2005). Mental pollution: Feelings of dirtiness without physical contact. *Behaviour Research and Therapy*, 43(1), 121-130.
- Fairbrother, N., & Rachman, S. (2004). Feelings of mental pollution subsequent to sexual assault. *Behaviour Research and Therapy*, 42(2), 173-189.
- Goldsmith, R. E., Chesney, S. A., Heath, N. M., & Barlow, M. R. (2013). Emotion regulation difficulties mediate associations between betrayal trauma and symptoms of posttraumatic stress, depression, and anxiety. *Journal of Traumatic Stress*, 26(3), 376-384.
- Herba, J. K., & Rachman, S. (2007). Vulnerability to mental contamination. *Behaviour Research and Therapy*, 45(11), 2804-2812.

- Kelley, L. P., Weathers, F. W., Mason, E. A., & Pruneau, G. M. (2012). Association of life threat and betrayal with posttraumatic stress disorder symptom severity. *Journal of Traumatic Stress, 25*(4), 408-415.
- Lee, M., Shafran, R., Burgess, C., Carpenter, J., Millard, E., & Thorpe, S. (2013). The induction of mental and contact contamination. *Clinical Psychologist, 17*(1), 9-16.
- McKay, D., Abramowitz, J. S., Calamari, J. E., Kyrios, M., Radomsky, A., Sookman, D., . . . Wilhelm, S. (2004). A critical evaluation of obsessive-compulsive disorder subtypes: Symptoms versus mechanisms. *Clinical Psychology Review, 24*(3), 283-313.
- Olatunji, B. O., & Sawchuk, C. N. (2005). Disgust: characteristic features, social manifestations, and clinical implications. *Journal of Social and Clinical Psychology, 24*(7), 932-962.
- Rachman, S. (2004). Fear of contamination. *Behaviour Research and Therapy, 42*(11), 1227-1255.
- Rachman, S. (2010). Betrayal: A psychological analysis. *Behaviour Research and Therapy, 48*(4), 304-311.
- Rachman, S., Radomsky, A. S., Elliott, C. M., & Zysk, E. (2012). Mental contamination: The perpetrator effect. *Journal of Behavior Therapy and Experimental Psychiatry, 43*(1), 587-593.
- Radomsky, A. S., & Elliott, C. M. (2009). Analyses of mental contamination: Part II, individual differences. *Behaviour Research and Therapy, 47*(12), 1004-1011.
- Radomsky, A. S., Rachman, S., Shafran, R., Coughtrey, A. E., & Barber, K. C. The nature and assessment of mental contamination: A psychometric analysis. *Journal of Obsessive-Compulsive and Related Disorders*(0).
- Rozin, P., Haidt, J. & McCauley, C.R. (2008). Disgust. In M. Lewis, J.M. Haviland-Jones & L. F. Barret (Eds), *Handbook of emotions*, 3rd ed. (pp. 757-776). New York: Guilford Press.
- Starcevic, V., Berle, D., Brakoulias, V., Sammut, P., Moses, K., Milicevic, D., & Hannan, A. (2011). Functions of compulsions in obsessive-compulsive disorder. *Australian and New Zealand Journal of Psychiatry, 45*(6), 449-457.
- Thordarson, D., Radomsky, A., Rachman, S., Shafran, R., Sawchuk, C. & Hakstian, A. (2004). The Vancouver Obsessional Compulsive Inventory (VOCI). *Behaviour Research and Therapy, 42*, 1289-1314.

Anexos

Anexo 1

Questionário de Dados Sociodemográficos

Questionário de dados sócio demográficos

Idade: _____ anos

Género: Feminino

Masculino

Estado Civil:

Solteiro

Casado

Divorciado

Viúvo

Nº do agregado familiar: _____

Nacionalidade: _____ Naturalidade: _____

Habilitações Literárias:

1º ciclo do ensino básico (até ao 4ºano)

Licenciatura

2º ciclo do ensino básico (até ao 6ºano)

Bacharelato

3º ciclo do ensino básico (até ao 9ºano)

Pós-Graduação

Ensino secundário

Mestrado

Curso tecnológico/ profissional

Doutoramento

Área de estudos (caso se aplique): _____

Profissão: _____

Estatuto sócio-económico:

Baixo

Médio

Alto

Ideologia religiosa: _____

Em que medida se considera religioso:

Nada Religioso

Totalmente Religioso

1	2	3	4	5
----------	----------	----------	----------	----------

Anexo 2

Escala de Afectos Positivos e Negativos (PANAS-X; Watson & Clark, 1994; versão portuguesa por Galinha & Pais-Ribeiro, 2005)

PANAS

Esta escala consiste num conjunto de palavras que descrevem diferentes sentimentos e emoções. Leia cada palavra e marque a resposta adequada no espaço anterior à palavra.

Indique em que medida sentiu cada uma das emoções, agora, ou seja, neste momento:

1 Nada ou muito Ligeiramente | **2** Um Pouco | **3** Moderadamente | **4** Bastante | **5** Extremamente

___ Interessado

___ Orgulhoso

___ Perturbado

___ Irritado

___ Excitado

___ Encantado

___ Atormentado

___ Remorsos

___ Agradavelmente surpreendido

___ Inspirado

___ Culpado

___ Nervoso

___ Assustado

___ Determinado

___ Caloroso

___ Trémulo

___ Repulsa

___ Ativo

___ Entusiasmado

___ Amedrontado

Anexo 3

Inventário de Obsessões- Compulsões de Vancouver (Thordarson, Radomsky, Rachman, Shafran, Sawchuk, e Hakstian, 2004; Adaptação Calisto, 2013)

VOCI

	Nada	Pouco	Algum	Muito	Imenso
1. Sinto-me compelido/a a verificar as cartas vezes sem conta antes de as enviar.	0	1	2	3	4
2. Sinto-me muitas vezes perturbado/a por pensamentos indesejados de usar uma arma afiada.	0	1	2	3	4
3. Sinto-me muito sujo/a depois de tocar em dinheiro.	0	1	2	3	4
4. Para mim é muito difícil tomar até as decisões mais simples.	0	1	2	3	4
5. Sinto-me compelido/a a ser absolutamente perfeito/a.	0	1	2	3	4
6. Experiencio repetidamente o mesmo pensamento ou imagem indesejada de um acidente.	0	1	2	3	4
7. Repetidamente verifico e volto a verificar coisas como torneiras e interruptores depois de os desligar.	0	1	2	3	4
8. Uso uma quantidade excessiva de desinfetantes para manter a minha casa e a mim próprio/a a salvo de germes.	0	1	2	3	4
9. Sinto-me frequentemente compelido/a a memorizar coisas banais (ex., número de matrículas, instruções nos rótulos).	0	1	2	3	4
10. Tenho problemas para realizar as atividades domésticas normais porque a minha casa está atafalhada com coisas que acumulo.	0	1	2	3	4
11. Depois de decidir algo, normalmente fico muito tempo preocupado/a com a minha decisão.	0	1	2	3	4
12. Considero que quase todos os dias sou perturbado/a por pensamentos desagradáveis que surgem na minha mente contra a minha vontade.	0	1	2	3	4
13. Dispenso demasiado tempo a lavar as minhas mãos.	0	1	2	3	4
14. Muitas vezes tenho dificuldade em terminar uma tarefa porque tento fazer tudo perfeito.	0	1	2	3	4
15. Tocar na sola dos meus sapatos deixa-me muito ansioso/a.	0	1	2	3	4

16. Sou muitas vezes perturbado por pensamentos ou imagens indesejadas de actos sexuais.	0	1	2	3	4
17. Fico muito ansioso/a quando tenho de tomar até a mais pequena decisão.	0	1	2	3	4
18. Sinto-me compelido a seguir uma rotina muito estrita quando faço coisas do dia-a-dia.	0	1	2	3	4
19. Sinto-me perturbado se a minha mobília ou outros bens não estiverem sempre exactamente na mesma posição.	0	1	2	3	4
20. Verifico repetidamente se as minhas portas ou janelas estão trancadas, mesmo que tente resistir ao impulso de o fazer.	0	1	2	3	4
21. Para mim é muito difícil tocar em lixo ou caixotes do lixo.	0	1	2	3	4
22. Fico muito perturbado/a quando penso em deitar algo fora.	0	1	2	3	4
23. Preocupo-me excessivamente com germes e doenças.	0	1	2	3	4
24. Atraso-me frequentemente porque não consigo realizar as tarefas do dia-a-dia a tempo.	0	1	2	3	4
25. Evito usar telefones públicos devido a uma possível contaminação.	0	1	2	3	4
26. Fico embaraçado/a por convidar pessoas para irem a minha casa porque está cheia de coisas inúteis que tenho vindo a guardar.	0	1	2	3	4
27. Experiencio repetidamente o mesmo pensamento ou imagem perturbadora sobre a morte.	0	1	2	3	4
28. Sou frequentemente perturbado/a por pensamentos ou imagens indesejadas de deixar escapar obscenidades ou insultos em público.	0	1	2	3	4
29. Preocupo-me demasiado por poder estar a aborrecer outras pessoas.	0	1	2	3	4
30. Sinto-me frequentemente assustado/a por impulsos indesejados de conduzir ou correr no meio do tráfego.	0	1	2	3	4

31. Quase sempre faço contagens enquanto faço uma tarefa de rotina.	0	1	2	3	4
32. Sinto-me muito contaminado/a se tocar num animal.	0	1	2	3	4
33. Um dos meus maiores problemas é a verificação repetitiva.	0	1	2	3	4
34. Experiencio frequentemente pensamentos perturbadores e indesejados sobre a perda de controlo.	0	1	2	3	4
35. Para mim é quase impossível decidir o que manter e o que deitar fora.	0	1	2	3	4
36. Sinto-me fortemente compelido/a a fazer contagens de coisas.	0	1	2	3	4
37. Verifico repetidamente se o meu fogão está desligado, mesmo que tente resistir ao impulso de o fazer.	0	1	2	3	4
38. Fico muito perturbado/a se não conseguir cumprir a rotina de me deitar exatamente da mesma forma todas as noites.	0	1	2	3	4
39. Tenho muito medo de ter até o mínimo contacto com secreções corporais (sangue, urina, suor, etc.).	0	1	2	3	4
40. Sou frequentemente perturbado/a por impulsos indesejados de magoar outras pessoas.	0	1	2	3	4
41. Dispensio muito tempo todos os dias a verificar as coisas vezes sem conta.	0	1	2	3	4
42. Causa-me problemas deitar algo fora, por medo de estar a desperdiçar.	0	1	2	3	4
43. Frequentemente tenho de verificar variadas vezes coisas como interruptores, torneiras, aparelhos e portas.	0	1	2	3	4
44. Um dos meus maiores problemas é que estou excessivamente preocupado/a com as limpezas.	0	1	2	3	4
45. Sinto-me compelido a guardar durante muito tempo demasiadas coisas como revistas velhas, jornais e recibos porque tenho receio de precisar delas no futuro.	0	1	2	3	4

46. Experiencio repetidamente pensamentos perturbadores e inaceitáveis de natureza religiosa.	0	1	2	3	4
47. Tento a atrasar-me no meu trabalho porque repito a mesma coisa vezes em conta.	0	1	2	3	4
48. Tento não tomar decisões, porque tenho muito medo de errar.	0	1	2	3	4
49. Experiencio muitas vezes pensamentos perturbadores e indesejados sobre doenças.	0	1	2	3	4
50. Receio utilizar casas de banho públicas, mesmo quando estão bem cuidadas, devido à minha preocupação com os germes.	0	1	2	3	4
51. Apesar de tentar resistir, sinto-me compelido/a a acumular uma grande quantidade de coisas que na verdade nunca utilizo.	0	1	2	3	4
52. Experiencio repetidamente pensamentos imorais perturbadores e indesejados.	0	1	2	3	4
53. Um dos meus maiores problemas é prestar demasiada atenção aos detalhes.	0	1	2	3	4
54. Sou frequentemente perturbado/a por impulsos indesejados de me magoar a mim mesmo/a.	0	1	2	3	4
55. Dispensio demasiado tempo a preparar-me para sair de casa todos os dias porque tenho que fazer tudo exatamente certo.	0	1	2	3	4

Anexo 4

Escala de Desejabilidade Social de Marlowe-Crowne (Crowne & Marlowe, 1960)

MC-SDS

Indique em que medida cada uma das afirmações se aplica a si. Quanto mais o comportamento se aplicar a si, maior o nº que deve registar, considerando uma escala crescente de 1 (discordo totalmente) a 7 (concordo totalmente).

	Discordo Totalmente					Concordo Totalmente	
1. Investigo cuidadosamente as qualificações de todos os candidatos, antes de votar.	1	2	3	4	5	6	7
2. Hesito sempre em fazer um desvio do meu caminho para ajudar alguém com problemas.	1	2	3	4	5	6	7
3. É difícil para mim, continuar com o meu trabalho quando estou desmotivado(a).	1	2	3	4	5	6	7
4. Nunca me aconteceu detestar alguém.	1	2	3	4	5	6	7
5. Já duvidei das minhas capacidades para ser bem sucedido(a) na vida.	1	2	3	4	5	6	7
6. Fico irritado(a) quando as coisas não correm como eu queria.	1	2	3	4	5	6	7
7. Sou sempre cuidadoso(a) na forma como me visto.	1	2	3	4	5	6	7
8. As minhas maneiras à mesa, em casa, são tão boas quanto as que uso quando como num restaurante.	1	2	3	4	5	6	7
9. Se conseguisse ir ao cinema sem pagar e soubesse que não seria descoberto(a), fá-lo-ia.	1	2	3	4	5	6	7
10. Já desisti de fazer algo por confiar pouco nas minhas capacidades.	1	2	3	4	5	6	7
11. Eu gosto de bisbilhotar.	1	2	3	4	5	6	7
12. Já me aconteceu ter vontade de me revoltar perante as autoridades, mesmo sabendo que não tinha razão.	1	2	3	4	5	6	7
13. Independentemente de com quem esteja a falar, sou sempre um(a) bom(a) ouvinte.	1	2	3	4	5	6	7
13. Já fingi estar doente para evitar alguma situação.	1	2	3	4	5	6	7
15. Já houve situações em que me aproveitei de	1	2	3	4	5	6	7

alguém.							
16. Estou sempre disposto(a) a admitir quando cometo erros.	1	2	3	4	5	6	7
17. Faço sempre aquilo que defendo.	1	2	3	4	5	6	7
18. Acho particularmente difícil aturar pessoas rudes e indelicadas.	1	2	3	4	5	6	7
19. Prefiro vingar-me a perdoar e esquecer.	1	2	3	4	5	6	7
20. Tenho dificuldades em admitir que sei pouco sobre um determinado assunto.	1	2	3	4	5	6	7
21. Sou sempre cordial, mesmo para as pessoas que são desagradáveis.	1	2	3	4	5	6	7
22. Já insisti em levar por diante as minhas ideias.	1	2	3	4	5	6	7
23. Já senti vontade de partir coisas.	1	2	3	4	5	6	7
24. Deixaria alguém ser punido pelos meus erros.	1	2	3	4	5	6	7
25. Fico aborrecido(a) quando alguém me pede a retribuição de um favor.	1	2	3	4	5	6	7
26. Fico aborrecido(a) quando alguém expressa ideias completamente diferentes das minhas.	1	2	3	4	5	6	7
27. Quando faço uma longa viagem verifico sempre a segurança do meu carro.	1	2	3	4	5	6	7
28. Já senti inveja das coisas boas que acontecem aos outros.	1	2	3	4	5	6	7
29. Já senti necessidade de “pôr alguém no seu lugar” (repreender).	1	2	3	4	5	6	7
30. Sinto-me irritado(a) com as pessoas que me pedem favores.	1	2	3	4	5	6	7
31. Já senti ter sido fui punido(a) sem razão.	1	2	3	4	5	6	7
32. Acho que quando as pessoas têm um azar, apenas têm o que merecem.	1	2	3	4	5	6	7
33. Já disse, de propósito, algo que ferisse os sentimentos de alguém.	1	2	3	4	5	6	7

Anexo 5

Escala de Sensibilidade de Contaminação (S-CTN; Rachman, 2006 *cit in*
Coughtrey, Shafran, Knibbs & Rachman, 2012)

S-CTN

A seguir apresenta-se uma lista de afirmações. Por favor coloque um círculo à volta do número que melhor descreva em que medida discorda ou concorda com as mesmas. Não existem respostas certas ou erradas pelo que lhe pedimos que seja o mais sincero/a e espontâneo/a possível.

	Discordo fortemente	Discordo	Não concordo nem discordo	Concordo	Concordo fortemente
1. Aterroriza-me quando sinto as minhas mãos pegajosas.	0	1	2	3	4
2. Quando está algo de errado com o meu estômago, fico preocupado/a com a possibilidade de estar seriamente doente.	0	1	2	3	4
3. Fico aterrorizado/a quando me sinto sujo/a por dentro.	0	1	2	3	4
4. Consigo sempre cheirar se alguma coisa estiver a apodrecer.	0	1	2	3	4
5. É sempre importante para mim lavar-me até estar absolutamente limpo/a.	0	1	2	3	4
6. Quando não consigo livrar-me da preocupação com a contaminação, fico nervoso/a por poder estar a ficar louco/a.	0	1	2	3	4
7. Tocar em roupas que pertencem a alguém que detesto pode deixar-me nervoso/a.	0	1	2	3	4
8. Comer fruta ou vegetais que não são orgânicos faz-me sentir tenso/a e nervoso/a.	0	1	2	3	4
9. Afasto-me de pessoas que pareçam doentes.	0	1	2	3	4
10. Para mim, cheiros desagradáveis são extremamente enjoativos.	0	1	2	3	4

11. Aterroriza-me quando me sinto sujo/a debaixo da minha pele.	0	1	2	3	4
12. É importante para mim manter-me bem longe de pessoas esquisitas ou mentalmente instáveis.	0	1	2	3	4
13. Aterroriza-me quando sinto a minha pele irritada.	0	1	2	3	4
14. Quando me sinto muito contaminado/a fico nervoso/a por poder estar a ficar mentalmente instável.	0	1	2	3	4
15. Para mim é muito mais seguro comer fruta à qual se possa tirar a pele.	0	1	2	3	4
16. Apanho doenças muito mais facilmente do que as outras pessoas.	0	1	2	3	4
17. As pessoas notam quando me sinto contaminado/a.	0	1	2	3	4
18. Fico muito nervoso/a se uma pessoa esquisita ou mentalmente instável se aproxima de mim.	0	1	2	3	4
19. Vejo logo quando a comida não é completamente fresca.	0	1	2	3	4
20. Sou extremamente sensível a sabores.	0	1	2	3	4
21. Aterroriza-me quando me sinto contaminado/a.	0	1	2	3	4
22. Preocupa-me apanhar alguma doença sempre que visito um hospital.	0	1	2	3	4
23. Sensações não usuais na minha pele deixam-me muito nervoso/a.	0	1	2	3	4
24. Sou extremamente sensível a cheiros.	0	1	2	3	4

Anexo 6

Entrevista Final do Grupo Experimental

Entrevista

Coloque uma cruz no ponto da linha que melhor considere que reflete a sua opinião relativamente às seguintes questões:

- 1- Em que medida considera que a instrução das tarefas que lhe foram dadas foi clara?

Nada
clara

Completamente
clara

- 2- Em que medida a recordação da situação que descreveu foi vívida?

Nada
Vívida

Completamente
Vívida

- 3- Em que medida a recordação da situação o/a fez sentir-se mal-estar?

Nenhum
mal-estar

Mal-estar
extremo

Como descreveria esse mal-estar?

O que fez para o reduzir esse mal-estar?

- 4- Bebeu água durante o tempo em que esteve sozinho/a? _____

Se sim, porque motivo o fez? _____

5- Depois de recordar a situação sentiu necessidade de utilizar a casa de banho para lavar ou limpar alguma parte do seu corpo? _____
Se sim, que parte e porquê?

6- Se fez alguma destas coisas com o objetivo de eliminar possíveis sensações de sujidade, sentiu-se mais limpo/a depois de o fazer?

7- Em que medida considera que a recordação da situação o/a fez sentir-se sujo/a?

Nada
sujo/a

Completamente
sujo/a

8- Em que medida considera que a situação recordada o fez sentir-se sujo/a de uma forma que não consegue descrever em termos físicos, ou seja, com uma sensação de estar sujo/a internamente?

Nada
sujo/a

Completamente
sujo/a

9- Em que medida a situação recordada o/a deixou com a sensação de estar sujo/a externamente?

Nada
sujo/a

Completamente
sujo/a

10- Consegue localizar a sujidade nalguma parte do interior ou exterior do seu corpo? _____

Se sim, em que parte? _____

11- Em que medida a situação relatada o/a fez sentir nojo da/as pessoa/as que o/a traíram?

Nenhum
nojo

Nojo
extremo

12- Em que medida a situação relatada o/a fez sentir nojo de si próprio/a?

Nenhum
nojo

Nojo
extremo

Obrigada pela sua colaboração!

Anexo 7

Entrevista Final do Grupo de Controlo

Entrevista

Coloque uma cruz no ponto da linha que melhor considere que reflete a sua opinião relativamente às seguintes questões:

- 1- Em que medida considera que a instrução das tarefas que lhe foram dadas foi clara?

Nada
clara

Completamente
clara

- 2- Em que medida a recordação da situação que descreveu foi vívida?

Nada
vivida

Completamente
vívida

- 3- Em que medida a recordação da situação o/a fez sentir mal-estar?

Nenhum
mal-estar

Mal-estar
extremo

Como descreveria esse mal-estar?

O que fez para o reduzir esse mal-estar?

- 4- Bebeu água durante o tempo em que esteve sozinho/a? _____

Se sim, porque motivo o fez? _____

- 5- Depois de recordar a situação sentiu necessidade de utilizar a casa de banho para lavar ou limpar alguma parte do seu corpo? _____

Se sim, que parte e porquê?

- 6- Se fez alguma destas coisas com o objetivo de eliminar possíveis sensações de sujidade, sentiu-se mais limpo/a depois de o fazer?

- 7- Em que medida considera que a recordação da situação o/a fez sentir-se sujo/a?

Nada
sujo/a

Completamente
sujo/a

- 8- Em que medida considera que a situação recordada o fez sentir-se sujo/a de uma forma que não consegue descrever em termos físicos, ou seja, com uma sensação de estar sujo/a internamente?

Nada sujo/a

Completamente sujo/

- 9- Em que medida a situação recordada o/a deixou com a sensação de estar sujo/a externamente?

Nada
sujo/a

Completamente
sujo/a

10- Consegue localizar a sujidade nalguma parte do interior ou exterior do seu corpo? _____

Se sim, em que parte? _____

11- Em que medida a situação relatada o/a fez sentir nojo da/as pessoa/as envolvidas?

Nenhum
nojo

Nojo
extremo

12- Em que medida a situação relatada o/a fez sentir nojo de si próprio/a?

Nenhum
nojo

Nojo
extremo

Obrigada pela sua colaboração!

Anexo 8

Consentimento informado do Grupo Experimental

Consentimento Informado- Grupo Experimental

A presente investigação está a ser desenvolvida no âmbito de uma Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde da Universidade do Algarve, por Cláudia Filipa Martins Jacinto, sob a orientação da Prof.^a Doutora Antonia Maria Ros.

Tem como objetivo estudar a possível relação entre o impacto da traição no desenvolvimento de características relacionadas com a Perturbação Obsessivo-Compulsiva.

Poderão participar neste estudo estudantes universitários com idades compreendidas entre os 18 e os 30 anos, de ambos os sexos, que voluntariamente se disponibilizem para o fazer.

Se aceitar colaborar ser-lhe-á pedido que responda a cinco questionários e que participe num paradigma experimental, que no total lhe tomará cerca de 45 minutos. Para a participação neste estudo experimental ser-lhe-á solicitado que relate uma situação marcante da sua vida, na qual se tenha sentido traído/a por alguém. O relato será feito por escrito e no fim de todo o procedimento o próprio participante deverá colocá-lo com os restantes questionários num envelope em branco fechado, que terá apenas um número. Posteriormente, deverá colocar o envelope dentro de uma caixa que estará à disposição do participante dentro da sala. Uma vez recolhidos os relatos de todos os participantes da experiência, a caixa será entregue a dois investigadores independentes que não terão conhecimento do objetivo da experiência, nem da identidade das pessoas que nela participaram. Será solicitado aos investigadores que atribuam o número de cada envelope a um tipo de traição, tendo em conta categorias previamente estabelecidas. Todos os relatos serão destruídos pelos investigadores, assim que a tarefa de categorização estiver finalizada. Deste modo, garantimos que os dados recolhidos serão totalmente anónimos e confidenciais e que a sua utilização será apenas para fins científicos.

A sua participação é importante e pode contribuir para uma melhor compreensão dos mecanismos envolvidos no desenvolvimento e manutenção da Perturbação Obsessivo-Compulsiva.

Como já foi referido garantimos a total confidencialidade dos dados que nos possa proporcionar e que estes serão apenas utilizados para fins da investigação em questão.

Relembramos que a sua participação é voluntária e que caso recuse participar ou decida desistir em qualquer momento, não terá qualquer consequência negativa.

Caso aceite participar na presente investigação, por favor preencha o espaço abaixo indicado:

Tomei conhecimento e compreendi a informação acima descrita e aceito, de livre vontade, participar neste estudo e preencher os questionários que se seguem.

Data: ___/___/___

(a sua assinatura)

Anexo 9

Consentimento informado do Grupo de Controlo

Consentimento Informado- Grupo de Controlo

A presente investigação está a ser desenvolvida no âmbito de uma Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde da Universidade do Algarve, por Cláudia Filipa Martins Jacinto, sob a orientação da Prof.^a Doutora Antonia Maria Ros.

Tem como objetivo estudar a possível relação entre o impacto da traição no desenvolvimento de características relacionadas com a Perturbação Obsessivo-Compulsiva.

Poderão participar neste estudo estudantes universitários com idades compreendidas entre os 18 e os 30 anos, de ambos os sexos, que voluntariamente se disponibilizem para o fazer.

Se aceitar colaborar ser-lhe-á pedido que responda a cinco questionários e que participe num paradigma experimental, que no total lhe tomará cerca de 45 minutos. Para a participação neste estudo experimental ser-lhe-á solicitado que relate uma situação relativamente neutra da sua vida, na qual não tenha tido qualquer tipo de emoção forte. O relato será feito por escrito e no fim de todo o procedimento o próprio participante deverá colocá-lo num envelope em branco fechado, que terá apenas um número. Posteriormente, deverá colocar o envelope dentro de uma caixa que estará à disposição do participante dentro da sala. Uma vez recolhidos os relatos de todos os participantes da experiência, a caixa será entregue a dois investigadores independentes que não terão conhecimento do objetivo da experiência, nem da identidade das pessoas que nela participaram. Será solicitado aos investigadores que atribuam o número de cada envelope a um tipo de traição, tendo em conta categorias previamente estabelecidas. Todos os relatos serão destruídos pelos investigadores, assim que a tarefa de categorização estiver finalizada. Deste modo, garantimos que os dados recolhidos serão totalmente anónimos e confidenciais e que a sua utilização será apenas para fins científicos.

A sua participação é importante e pode contribuir para uma melhor compreensão dos mecanismos envolvidos no desenvolvimento e manutenção da Perturbação Obsessivo-Compulsiva.

Como já foi referido garantimos a total confidencialidade dos dados que nos possa proporcionar e que estes serão apenas utilizados para fins da investigação em questão.

Relembramos que a sua participação é voluntária e que caso recuse participar ou decida desistir em qualquer momento, não terá qualquer consequência negativa.

Caso aceite participar na presente investigação, por favor preencha o espaço abaixo indicado:

Tomei conhecimento e compreendi a informação acima descrita e aceito, de livre vontade, participar neste estudo e preencher os questionários que se seguem.

Data: ___/___/___

(a sua assinatura)

Anexo 10

Grelha de Classificação de Narrativas

Grelha de Classificação de Narrativas

Nº do Participante	Tipo de traição ² predominante	Gravidade da traição (0-10)	Contacto Físico (Sim ou não)	Observações

² Tipos de traição definidos por Rachman:

Infidelidade: Situações que envolvam a ruptura e quebra de confiança entre um casal;

Desonestidade: Ação/comportamento que demonstre ausência de valores morais;

Deslealdade: Ação que implique a quebra da confiança com alguém próximo (Falta de sinceridade);

Falha na assistência: Situações nas quais é recusado o auxílio por parte de indivíduos de quem não se esperava;

Divulgação de informações confidenciais: Revelação de segredos de pessoas próximas.